

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

SANDRO CARDOSO MOREIRA

**A GUERRA CIVIL ESPANHOLA:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA À LUZ DA FILOSOFIA POLÍTICA ANARQUISTA**

**Santana do Livramento
2018**

SANDRO CARDOSO MOREIRA

**A GUERRA CIVIL ESPANHOLA:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA À LUZ DA FILOSOFIA POLÍTICA ANARQUISTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Balardim

**Santana do Livramento
2018**

SANDRO CARDOSO MOREIRA

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA À LUZ DA FILOSOFIA POLÍTICA ANARQUISTA

A Comissão Examinadora, nomeada pelo Coordenador de Monografia, resolve atribuir ao acadêmico Sandro Cardoso Moreira, após a apresentação do trabalho intitulado “A Guerra Civil Espanhola e seu legado ao movimento anarquista”, a nota _____, referente a disciplina de TCC II.

Santana do Livramento, __ de __ de 2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rafael Balardim
Universidade Federal do Pampa

Prof. Me. Bernardo Muratt
Universidade Federal do Pampa

Prof. Dr. Altacir Bunde
Universidade Federal do Pampa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de dedicar este trabalho, assim como tudo o que vier a escrever, a Maria Lucia Macari, minha companheira, co-orientadora e maior fonte de amor, admiração e inspiração, sem ti nada seria possível. Obrigado por voltar à minha vida e me fazer o mais feliz que alguém pode ser.

Meus mais sinceros agradecimentos ao prezado Rafael Balardim por ter me orientado neste trabalho com seu empenho e conhecimento. Gostaria ainda de gratular a todos os professores do campus Santana do Livramento por terem, ao cobrar bons resultados, fomentado a edificação científica não só em mim como na comunidade acadêmica em geral.

Sobretudo, tributo este trabalho a todos os compas que depositaram suas vidas na luta contra todo o tipo de opressão não reconhecendo as fronteiras instituídas para segregar.

Divergir; Resistir; Reexistir; Insurgir; DEVIR.

RESUMO

A Guerra Civil Espanhola foi um conflito de grandes proporções no período Entre Guerras e seu entendimento é fundamental para melhor compreender as causas, alianças e resultados da Segunda Guerra Mundial. Este estudo visa, através da ótica filosófico-política anarquista da historiografia deste evento, contribuir com esta clarificação, proporcionando uma versão da parte que muitas vezes é marginalizada e culpada pelas páginas de autores socialistas e franquistas. Para tanto, o trabalho passa por um processo de identificação e conceituação da ideologia anarquista de acordo com seus principais teóricos. O estudo conta, também, de que forma o anarquismo chegou à Espanha ganhando tamanha relevância entre sua população, composta majoritariamente de uma classe recém criada pela tardia Revolução Industrial. Por fim, é feita uma análise da forma que os múltiplos lados deste conflito se comportaram durante os seus três anos, sobretudo a CNT-FAI, responsável por boa parte do lado republicano até que, a então União Soviética, tomasse as rédeas do conflito.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola, Anarquismo, Período Entre Guerras

ABSTRACT

The Spanish Civil War was a major conflict in the Interwar period and its understanding is fundamental to better understand the causes, alliances and aftermath of the World War II. This study aims, through the anarchist philosophical-political perspective of the historiography of this event, to contribute with this clarification, providing a version of the part that is often marginalized and blamed by the pages of socialist and pro-Franco authors. For this, the work goes through a process of identification and conceptualization of the anarchist ideology according to its main theorists. The study also tells how anarchism arrived in Spain and gained such prominence among its population, composed mostly of a class recently created by the late Industrial Revolution. Finally, an analysis is made of how the multiple sides of this conflict behaved during its three years, especially the CNT-FAI, responsible for much of the republican side until the Soviet Union took the reins of the conflict.

Keywords: Spanish Civil War, Anarchism, Interwar period

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ANARQUIA: TEORIA, CONCEITOS E HISTÓRICO	12
1.1 As origens da teoria	15
1.2 Antecedentes do Anarquismo na Espanha	18
1.3 As Origens da disputa e a Segunda República	23
1.4 O fascismo espanhol e a ascensão do Generalíssimo	30
2. 1936-1939: GUERRA CIVIL E REVOLUÇÃO	35
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa identificar na organização social da Espanha durante a Guerra Civil de 1936-1939, os elementos teóricos presentes nos escritos dos principais autores anarquistas, além de perscrutar a traição sofrida pelos anarquistas por parte dos marxistas stalinistas.

Para isto serão analisados os movimentos de inclinação anarquista, sobretudo, a CNT (Confederação Nacional do Trabalho) e FAI (Federação Anarquista Ibérica), que manifestaram apoio à Frente Popular, coligação que venceu as eleições gerais da Espanha de 1936 e ainda assim foi usurpada em uma tentativa de Golpe de Estado orquestrada pela Falange Espanhola, um movimento conservador encabeçado por oficiais rebeldes, entre eles o General Francisco Franco.

Sendo assim, o estudo objetiva identificar de que forma a ideologia anarquista influenciou a atuação dos deferidos grupos no conflito e como foi determinante na estrutura social proposta, tanto durante o processo revolucionário quanto em uma possibilidade de vitória dos movimentos de esquerda, ou republicanos.

Tal identificação se tornará notória após um esclarecimento e revisão de conceitos da ideologia anarquista que impulsiona os movimentos citados e, posteriormente, apontar de que forma as teorias foram aplicadas e quais os seus efeitos.

Desta forma, o problema de pesquisa é: o histórico do anarquismo na Espanha e a crescente relevância desta ideologia no contexto histórico estudado foram determinantes para os eventos ocorridos no final da década de 30? Portanto, supõe-se que, como o viés que impulsionava os movimentos de enfrentamento aos falangistas foi amplamente aceito pela população que já havia tido contato com seus conceitos anteriormente, sim, o anarquismo foi determinante para a forma de organização social praticada durante os anos da Guerra Civil Espanhola e também para o desfecho do conflito.

O estudo será dividido em dois capítulos, começando por uma série de considerações e exposição de conceitos e definições da teoria anarquista e seu histórico, principalmente no que tange à sua chegada na Espanha, ainda no século XVIII. Em seguida, exploraremos o conflito de 1936 a 1939, considerando a forma como o General Francisco Franco ascendeu ao poder e tornou-se uma ameaça à

população espanhola. Perscrutaremos ainda a forma como a luta foi travada e o seu desfecho.

Por fim, concluiremos com uma abordagem mais geral, aproximando a época estudada à atual. Consideramos esta abordagem relevante, visto que, nos dias de hoje, percebe-se o advento de uma nova onda nazifascista transvestida de conservadorismo opinativo. Este fenômeno é visível na Espanha, pois, mesmo que este país esteja sob a governança de um Primeiro Ministro progressista, há a ascensão de grupos que apoiam o regime fascista proposto por Francisco Franco e galgam uma maior representação política, além da que já possuem no congresso.

Este mesmo fenômeno se repete nos Estados Unidos, Brasil, e diversos outros países onde a população tem dedicado apoio a políticos que praticam condutas discriminatórias e desdenhosas com as minorias, visando implementar políticas que, direta ou indiretamente, promoverão uma higienização racial, ameaçando negros, indígenas e imigrantes que são criminalizados e perseguidos. Tais governantes tendem a associar estas pessoas a ameaças e com isso arrefecer suas rotinas antiterroristas que trazem consigo um aumento na vigilância interna, característica de Estados policiais. Com isto, torna-se importante pensar sobre o surgimento, tanto desta onda de fascismo, quanto da reação à ela. Além disso, há a instabilidade política a nível global que causa a falta de credibilidade e deslegitima a luta por direitos através das vias institucionais. Portanto, se busca, assim como em momentos semelhantes na história, uma visão alternativa de posicionamento político, tendo como principal braço de ação, o radicalismo de esquerda, tanto o socialismo, em suas vias mais radicais, quanto o anarquismo, buscando uma atuação definitiva em contrapartida às medidas paliativas reformistas de quem opta pela abordagem partidária.

De todo modo, torna-se indispensável uma análise deste conflito para assim, contribuir com a compreensão de suas consequências, de forma sucinta no que tange o momento imediato ao seu fim, como o enfraquecimento do regime Franquista que impossibilitou a sua participação de forma mais significativa durante a Segunda Guerra Mundial, ao invés da postura neutra que adotou.

Visualizando, através da ótica anarquista, de que forma o povo unido foi capaz de derrubar um poderio militar tão vasto encabeçado pelo “Generalíssimo”, será concebível o processo de formação de grupos anarquistas atuais.

Os materiais utilizados neste estudo são fontes secundárias como livros e artigos, tanto de história quanto de teoria. O método de pesquisa é o histórico-

analítico, uma vez que se trata de um estudo de caso e hipotético dedutivo por haver uma comparação de cenários completamente distintos.

1 ANARQUIA: TEORIA, CONCEITOS E HISTÓRICO

Do grego Anarkhia, significando “ausência de governo”, esta filosofia política é baseada em dois pilares principais que são a liberdade e a cooperação. Propõe a abolição do Estado por considerá-lo um braço da elite opressora. Prega que a própria existência dele é pré-requisito para a implementação do capitalismo.

Para o capitalista e para o detentor da propriedade, eles significam o poder e o direito, garantidos pelo Estado, de viver sem ter de trabalhar. E, uma vez que nem a propriedade, nem o capital produzem qualquer coisa se não forem fertilizados pelo trabalho, isso significa o poder e o direito de viver à custa da exploração do trabalho alheio, o direito de explorar o trabalho daqueles que não possuem propriedade ou capital e que, portanto, são forçados a vender sua força produtiva aos afortunados detentores de ambos. (BAKUNIN, 2007, p.2)

Considerando o que diz Bakunin, o capitalismo é um sistema perverso que garante os privilégios de uma minoria em detrimento do sofrimento e penúria de uma maioria. O anarquismo prevê uma união do povo, com vistas à libertação destes grilhões que suprimem seus direitos.

Com o fim do Estado, viria a extinção das fronteiras, que transformaria o mundo em uma grande soma de comunas anarquistas onde reinaria o respeito e a autodisciplina, garantidos pelo ensino dos direitos e deveres de cada indivíduo perante a ausência de qualquer tipo de autoridade. O próprio extermínio da propriedade privada se encarregaria de suprimir as más intenções que, segundo Winstanley, são consequências de um convívio baseado na posse em um terreno de desigualdade onde o objetivo é o castigo.

Certamente é a propriedade individual e privada a responsável pela miséria do povo. Pois, primeiro ela faz com que as pessoas roubem umas das outras e, depois, cria leis para enforçar aqueles que roubaram. Ela induz à prática do mal e depois mata quem o praticou. (WINSTANLEY Apud. WOODCOCK, 2002, p.49)

Segundo Bakunin, “As três causas de toda imoralidade humana são: a desigualdade tanto política quanto econômica e social. A ignorância que é seu resultado natural e sua consequência necessária: a escravidão.” (BAKUNIN, 2014, p.110)

O anarquismo tem seu surgimento datado por volta do século XVII, embora tal data seja questionável, uma vez que, as experiências desta época eram, ainda, de

caráter tosco; buscava-se nada mais do que uma libertação do laço que fazia parecer, muitas vezes, que ainda perdurava o feudalismo, principalmente na Inglaterra e na Alemanha.

Os *Cavadores*, um movimento inglês de caráter coletivista, foi o que mais perto chegou do anarquismo em um passado visto como uma régua temporal. Liderados por Gerrard Winstanley, um teórico que questionava o que viria a se tornar o capitalismo de Estado, no momento de derrocada do feudalismo.

Quando a lei universal de igualdade surgir em todos os homens e mulheres, ninguém poderá então reivindicar direitos sobre qualquer criatura e dizer 'Isto é meu e aquilo é teu'. Este é o meu trabalho, aquele o teu. Todos cultivarão a terra e cuidarão do gado; e as bênçãos da terra serão comuns a todos; sempre que um homem sentir necessidade de grãos ou de gado, poderá retirá-los no primeiro depósito que encontrar. Já não haverá compra nem venda, nem feiras ou mercados, e a terra será um tesouro compartilhado por todos os homens, pois ela é do Senhor... Pois quando um homem tem o que comer e beber e roupas para vestir, ele tem o suficiente. E todos trabalharão com entusiasmo para realizar as tarefas necessárias, um auxiliando o outro. Não haverá senhores de outros homens, mas todos serão senhores de si mesmos, sujeitos às leis da justiça, da razão e da igualdade que habita e governa nele, que é o Senhor. (WINSTANLEY, Apud. WOODCOCK, 2002, p.49)

As definições de anarquismo posteriores se diferenciam um pouco disso, adotando, por exemplo, um novo inimigo que é a religião. O próprio Bakunin, considerado por muitos o pai do anarquismo, diz que

A liberdade do homem consiste tão somente nisso, de que ele obedeça às leis da natureza as quais ele por si próprio reconhece enquanto tais, e não porque elas foram impostas externamente sobre ele por qualquer vontade exterior, humana ou divina, coletiva ou individual. (BAKUNIN, 2010, p.29)

O inglês William Godwin foi o primeiro a teorizar o anarquismo e a se intitular anarquista, sua definição foi mais simples, alcançando a classe operária britânica de forma didática e acessível:

Só há um poder ao qual posso votar uma genuína obediência: a decisão a que cheguei a partir da minha própria compreensão, os ditames da minha própria consciência. (GODWIN Apud. WOODCOCK, 2002, p.36)

Assim como o anarquista não reconhece os “mestres”, também não aceita os “deuses”. Mikhail Alexandrovich Bakunin, foi um dos maiores amantes da liberdade e, por consequência, um ferrenho inimigo da autoridade religiosa:

Entendo esta liberdade de cada um que, longe de parar como diante de um marco, diante da liberdade de outrem, encontra aí sua confirmação e sua extensão ao infinito; a liberdade ilimitada de cada um pela liberdade de todos, a liberdade pela solidariedade, a liberdade na igualdade; a liberdade triunfante da força bruta e do princípio de autoridade que nunca foi nada mais do que a expressão ideal desta força; a liberdade que, depois de ter derrubado todos os ídolos celestes e terrestres, fundará e organizará um mundo novo, o da humanidade solidária, sobre as ruínas de todas as igrejas e de todos os Estados. (BAKUNIN, 2014, p.37)

A figura e as palavras de Bakunin impulsionaram durante a Guerra Civil Espanhola, a dura perseguição aos líderes religiosos e seus símbolos, considerando-os como opressores e praticantes do capitalismo de Estado, além de apoiarem Franco.

A conjuntura atual é palco do surgimento de novas vertentes do anarquismo, algumas incoerentes e até irrisórias, como o Anarco-capitalismo¹, o Anarco-monarquismo² ou o Anarco-misticismo³. Outras, adaptando-se ao momento de seu surgimento, como o Anarco-veganismo⁴, Anarco Hacktivismo⁵, Anarco queer⁶, Anarco-feminismo⁷, etc. têm uma maior aceitação, por abarcarem uma maior quantidade de indivíduos e categorias, até então, carentes de representação.

¹ O Anarco-capitalismo busca a abolição do Estado, mas mantendo a propriedade privada. Teorizado pelo austríaco Ludwig Von Mises, esta corrente tem galgado relevância graças à sua proximidade com o mundo virtual, adotando, até mesmo, uma moeda própria, o bitcoin. O uso da moeda virtual é uma forma de combate ao dinheiro impresso que é controlado pelo Banco Central, ou seja, o Estado. Anarco-capitalistas usualmente defendem o extinto Padrão Ouro por este mesmo motivo.

² Anarco-monarquismo ou Monarquia libertária é um regime surreal que visa a instauração de um reinado simbólico que não aufira riscos ou ameaças aos seus súditos. Não havendo um monopólio do poder coercitivo nas mãos do monarca e tampouco a presença de obrigações dos súditos para com, seu rei. Salvador Dalí ficou conhecido por defender e publicizar o Anarco-monarquismo.

³ Anarco-misticismo ou Anarquismo Cristão, frequentemente associado a Liev Tolstói, esta vertente anarquista traz a ideia de que Deus existe e é inerente em todos os homens, propõe que o anarquista dobre o joelho apenas para a autoridade divina, contudo, repudiando a instituição católica como qualquer outra forma de anarquismo.

⁴ O Anarco-Veganista traz a ideia de que os “direitos humanos” devem ser estendidos aos animais, os seguidores desta teoria afirmam que todo o anarquista é obrigado a ser vegano, pois caso contrário, estaria ferindo o princípio de não agressão dos animais.

⁵ Anarco-Hacktivismo é a ideia de que a internet deve ser um reduto de liberdade de expressão para o compartilhamento de ideais e informações. Estes libertários são praticantes da Ação Direta Virtual e da Desobediência Civil Virtual, ou seja, o uso de meios extremos para o cumprimento de um objetivo político.

⁶ Anarco Queer, também conhecido como Anarquismo LGBT, busca no anarquismo e na revolução social, o fim da homofobia e da opressão por questões de gênero.

⁷ Surgida na década de 1960, durante a segunda onda do movimento feminista, o Anarco-feminismo busca, através do anarquismo e suas práticas, livrar as mulheres de uma sociedade opressora e regida pelo patriarcado. Entendem que o Capitalismo é a raiz da desigualdade de gênero e visam a abolição do Estado como forma de destruição do sistema de hierarquia dos sexos. Suas principais teóricas são Emma Goldman e Voltairine de Cleyre.

1.1 As origens da teoria

Se formos pesquisar nas páginas da história, não dificilmente, serão encontrados personagens com discursos que se assemelham ao anarquismo, tal como Lao Tzi, que supostamente escreveu o livro Tao Te Ching, que quase três séculos antes de Cristo, já propagavam uma doutrina muito semelhante ao anarquismo. Suspeita-se que Lao Tzi não tenha existido de fato, e que este nome se refira a um compilado de provérbios transmitidos, até então, apenas verbalmente. Estes provérbios eram sobre o Tao que futuramente dariam origem à filosofia religiosa “Taoismo⁸”.

Contemporaneamente a esta representação do anarquismo na China antiga, havia Antístenes, na Grécia, que, descontente com o elitismo de seu mestre Sócrates, passou a se aproximar do pobre, do trabalhador e das mulheres, que não tinham direitos, tendo posições quase escravocratas na sociedade ateniense. Antístenes e seu discípulo Diógenes, criaram sociedades libertárias onde todos eram iguais e a propriedade privada não era permitida.

Muito tempo depois disso houve a campanha de Gerrard Winstanley e William Everard na Guerra Civil Inglesa (1642-1649) e suas comunas com características anarquistas, motivadas por suas cartilhas no mesmo teor, que propagavam um sentimento de revolta contra a exploração a qual a maioria sofria perante uma pequena parcela da população.

O contexto iluminista (Século XVII) que popularizou a ânsia pela liberdade, com os eventos da Revolução Francesa, e também a Revolução Industrial, que criava uma nova classe, majoritariamente na Europa, ainda que tenha se propagado pelo mundo em seguida, foram o marco para o que chamamos de Anarquismo moderno.

Esta conjuntura trouxe à voga as palavras de Godwin, que muitas vezes é considerado o criador do anarquismo. No entanto, a origem da teoria político-filosófica anarquista é divergente para quem a estuda e a interpreta, assim como posteriormente surgiram novas vertentes teóricas, como o anarco-comunismo, tendo Bakunin como principal ícone; o Mutualismo, conceituado por Proudhon, Anarco-sindicalismo, impulsionado pelo russo Piotr Kropotkin e o italiano Errico Malatesta; anarco-individualismo ou anarco-primitivismo entre outras. (NETLAU, 2008)

⁸ Doutrina religioso-filosófica que visa a harmonia dos indivíduos através do equilíbrio do “Tao”, ou seja, o caminho, via ou princípio. Traz em seus ensinamentos uma proposta de vida coerente com o que prevê o anarquismo em seus conceitos mais amplos.

Contudo, o primeiro a dar um teor mais teórico ao termo é o francês Jean Pierre Proudhon (1998), que pontua alguns aspectos que esclareceriam muitos dos mitos do anarquismo, principalmente surgidos ou maximizados durante a Revolução Francesa. O primeiro deles é de que o anarquismo faz oposição à organização, dizendo, já no início de seu primeiro livro “O que é propriedade?” que o que o anarquismo combate é a ordem hierarquizada e vertical. Propondo a ideia da federação, em substituição a um Estado centralizado, prevendo a autonomia necessária para que cada comuna efetue suas decisões através da democracia participativa, para que as deliberações da assembleia fossem levadas por delegados até reuniões com representantes das outras comunas da federação.

Outro ponto de extrema importância é que Proudhon propunha a coletivização da propriedade, inclusive expropriando os bens estatais e devolvendo-os aos trabalhadores. Contudo, a pequena propriedade privada que não empregasse mão de obra assalariada seria poupada, pois a chance de obter ou manter a propriedade privada seria o estímulo pela obtenção da liberdade. (PROUDHON, 1998)

A CNT-FAI utilizou-se desta condição durante a Guerra Civil Espanhola, quando mais de 60% das propriedades rurais da Espanha, sobretudo na Catalunha, foram coletivizadas, sendo permitido que aqueles que não aceitassem a coletivização, mantivessem suas terras desde que não contratassem ninguém para trabalhar. O que levou a maioria deles a mudar de ideia em seguida, visto que tanto na produção quanto nos custos, era mais proveitoso que houvessem mais pessoas trabalhando uma terra.

Los colectivistas se abastecían en las respectivas cooperativas, que eran grandes almacenes, com frecuencia iglesias desafectadas por la revolución. Como almacenes eran locales ideales y en ellos se apilaban los productos para el consumo local. (PEIRATS, 1962, p. 102)

Quanto ao financiamento dos trabalhos, tanto nas terras quanto nas indústrias, Proudhon (1998) contribuiu com a ideia do Mutualismo, que se tratava de um “banco do povo”, que garantia o fluxo do capital para o financiamento de cooperativas e custos de produção.

O próximo passo do anarquismo como movimento foi com Mikhail Bakunin, que, ao contrário de Proudhon e Godwin, levou o anarquismo da teoria para a prática, participando de todas as revoluções armadas de sua época, “... era monumentalmente

excêntrico, um rebelde que em quase todos os seus atos parecia expressar os aspectos mais vigorosos da anarquia.” (WOODCOCK, 2002, p.161)

Agitava o povo a tomar o poder das mãos de absolutistas, principalmente dos czares russos, sendo que apoiava as causas de militares e camponeses, primordialmente das regiões eslavas. Embora não tendo produzido livros, tornou o anarquismo mais abrangente com a vertente do anarco-comunismo, pela qual bateu de frente com Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores, organização que representava os trabalhadores europeus, composta por adeptos de diversas visões políticas. De acordo com George Woodcock (2002), Bakunin acusava o marxismo de autoritário e dizia que o socialismo, representado pela ditadura do proletariado, jamais daria o próximo passo, tornando-se o comunismo.

Somos inimigos naturais destes revolucionários, futuros ditadores e tutores da revolução, que, antes mesmo que os Estados monárquicos, aristocráticos e burgueses atuais sejam destruídos, sonham com a criação de novos Estados revolucionários, tão centralizadores e mais despóticos do que os Estados que existem hoje. (BAKUNIN, 2014, p.112)

Propunha, no entanto, a derrocada do Estado através da revolução. Para isso, incentivava a classe explorada por meio de artigos de jornal, intitulados “a autonomia operária”, e com isso promoveu uma relação próxima com grupos de operários europeus e incentivava que seus grupos se fusionassem em uma união internacional anarquista que fizesse face à AIT (WOODCOCK, 2002).

Uma destas sociedades secretas, as quais Bakunin era fascinado, chamava-se Associação dos Irmãos Internacionais, tinha como fim a revolução universal, social, filosófica, econômica e política simultaneamente. Para isso propunha a destruição de todas as bases sociais calcadas na posse, e na autoridade, religiosa ou política, fosse de esquerda ou direita, em um primeiro momento, na Europa e em seguida no mundo (BAKUNIN, 2014).

O Anarquismo luta pela liberação da mente humana do domínio da religião. Pela liberação do corpo humano do domínio da propriedade. Pela liberação das cadeias e restrições governamentais. O anarquismo luta por uma ordem social baseada na livre associação dos indivíduos. (GOLDMAN, 2007, p.53)

A Guerra Civil Espanhola trazia a novidade da emancipação feminina de acordo com um viés anarquista. E quem principalmente impulsionava esta luta era Emma Goldman, que já tendo participado de confrontos contra a ordem revolucionária

totalitária na União Soviética, foi perseguida por anos até que se viu novamente entre trincheiras e páginas de jornal onde escrevia artigos que inflamavam as mulheres oprimidas na Espanha.

Busco a independência da mulher, seu direito de se apoiar; de viver por sua conta; de amar quem quer que deseje, ou quantas pessoas deseje. Eu busco a liberdade de ambos os sexos, liberdade de ação, liberdade de amor e liberdade na maternidade. (GOLDMAN, 1937)

Emma faleceu no México um ano após findada a Guerra Civil Espanhola, posicionando-se duramente contra a Segunda Guerra Mundial, dizendo que, embora reconhecesse Hitler, Mussolini e Franco como ditadores, não apoiaria uma guerra contra eles pois qualquer Estado que participasse de uma guerra mundial, teria ambições imperialistas e centralizadoras.

1.2 Antecedentes do Anarquismo na Espanha

O movimento anarquista está presente na Espanha desde que a Primeira Internacional fundou a sua seção neste país, em 1869, concomitantemente com a derrubada de Isabel II como resultado da Revolução Espanhola de 1868. A partir de então, grupos de inclinação anarquista passaram a atuar em contraponto aos marxistas. Estes grupos passaram à ilegalidade logo em seguida de suas criações e, por este motivo, trocaram de nome diversas vezes, a exemplo da CNT, que havia se chamado *Federación de los Trabajadores de la Región Española*, *Pacto de Unión y solidaridad* e *Solidaridad Obrera* antes de assumir o título de *Confederación Nacional del Trabajo*. (PEIRATS, 1962)

O plantio dos ideais libertários nas mentes da população espanhola, marcada pelo atraso sócio econômico e pelo estilo de vida medieval, no qual setenta por cento da população vivia da mão de obra camponesa, foi fundamental para o alastramento do sindicalismo, que muitas vezes, dada ao analfabetismo que imperava na maior parte da população, foi proposto oralmente, seja em sussurros ou em palanques.

A classe proletária, tornou-se de fato, relevante na Espanha, como resultado do desenvolvimento tecnológico transbordado para a região durante a Primeira Guerra Mundial. Por isso a Catalunha, por estar mais próxima das saídas para o mar, foi um dos territórios mais férteis ao anarco-comunismo.

A CNT (Confederação Nacional do Trabalho) é uma organização de caráter anarcossindicalista fundada em 1910 em Barcelona com o intuito de reunir os grupos sindicais existentes na Espanha, visava, através dos meios pacíficos ou não, defender os interesses dos trabalhadores, operários urbanos e camponeses, para obter uma transformação radical na sociedade, aspirando instaurar uma sociedade sem classes.

... a C.N.T., diferentemente dos sindicatos de hoje, estimulava uma militância de base, fugindo das organizações hierárquicas e assalariadas que constituem verdadeiras burocracias administrativas. Inspirada abertamente nas tradições de Proudhon e Bakunin, a C.N.T. defende o comunismo libertário: uma sociedade organizada de baixo para cima e pelos princípios do federalismo, tanto no âmbito sindical (para as questões voltadas ao trabalho) quanto no âmbito comunal (para as questões que dizem respeito ao bairro, às localidades). (ROCKER, 2010, p.5)

Segundo Woodcock (2014), o anarquismo teve na Espanha quase a força libertadora de uma nova religião, haja visto o espírito rude e aguerrido dos espanhóis, e sobretudo, dos catalães. Desta forma, os escritos de Proudhon, Bakunin e Kropotkin tiveram grande aceitação pelo proletariado do país, que já se organizava enquanto classe, desde antes da Revolução Espanhola de 1854. Neste contexto, enquanto o anarquismo perdia força no restante da Europa, se arrefecia na Espanha, impulsionando a luta contra a crescente exploração trabalhista resultante da revolução industrial tardia. Com isso, foi concebido o que conhecemos por anarquismo espanhol, que envolvia uma prática mais passional e energética.

A teoria alcançou o povo espanhol em 1845, quando Ramón de la Sagra, discípulo de Proudhon, fundou o primeiro jornal anarquista do mundo, chamado “*El Porvenir*”, a reação do povo à publicação foi tão intensa que as autoridades prontamente o proibiram, obrigando de la Sagra a fugir para a França, onde auxiliou Proudhon com a criação e organização do Banco do Povo.

Outro responsável por levar o anarquismo à Espanha é Pi Y Margall, também pupilo de Proudhon, além de traduzir suas obras para o espanhol, publicou, em plena Revolução Espanhola de 1854, o livro *La Reacción Y La Revolución* que divergia em partes dos meios de execução do anarquismo proudhoniano, preferindo uma abordagem mais gradual. (WOODCOCK, 2014)

Um importante precursor da Guerra Civil Espanhola foi o Movimento Federalista, iniciado na década de 1860. Contudo, ainda que este movimento tenha surgido com base na obra de Proudhon, e se tornado mais forte em 1870 quando ela já havia sido completamente traduzida. Woodcock atribui suas causas principalmente a outros

fatores, como a “importância tradicional que a Espanha dá ao regionalismo, do culto da *pátria chica* e do ressentimento da dominação de Castela pela Catalunha, Galícia e Aragão” (WOODCOCK, 2014, p.104)

O calor da revolução de 1873 trouxe uma adaptação ao federalismo pretendido na Espanha, e este era originário das ideias de Bakunin, de acordo com o que foi proposto no Congresso na Suíça. O anarquismo bakuninista compreendia as camadas mais baixas da sociedade, tais como artesãos e camponeses, ao contrário do anarquismo conhecido até então na Espanha, que era passado de mão em mão entre a classe média baixa das principais cidades espanholas.

Considerando este fator, podemos considerar como o marco zero do anarquismo espanhol, a Revolução de 1868 e o conseqüente exílio da Rainha Isabel II. Tais eventos motivaram Bakunin a estender a atuação da AIT⁹ à Espanha sob a sua égide e não a de Marx. Para isso enviou alguns de seus discípulos, que através da indicação de um amigo pessoal, encontraram grupos de jovens tipógrafos federalistas que já estavam familiarizados com os ideais libertários e auxiliaram na propagação das palavras de Bakunin e do sistema político pretendido. (WOODCOCK, 2014)

o movimento anarquista cresceu rapidamente entre os operários têxteis da Catalunha, que viram em seu modelo autogestionário uma alternativa válida ao capitalismo burguês. A Ideia – assim, com letra maiúscula – foi propagada por anarquistas que, individualmente ou reunidos em “ateneus libertários”, faziam proselitismo entre as massas trabalhadoras sobre as benesses de uma sociedade sem classes, sem Estado, sem Deus e sem senhores. (BUADES, 2013, p.27)

Preocupando-se ainda, com a escolaridade dos filhos de operários que eram privados de estudar pelos altos custos das escolas. Contudo, as escolas modernas, como eram chamadas, criadas pelos anarquistas eram acusadas pelos conservadores de oferecerem um ensino permeado de ideologia por passarem a ideia de que o conhecimento poderia ser libertador e dar-lhes melhores condições de vida. Segundo Rudolf Rocker (2010), as escolas racionalistas propunham uma educação libertária que incentivava o pensamento crítico, a solidariedade e valorizava a liberdade.

Os anarquistas também se preocupavam com a higiene das classes mais humildes e, mesmo que defendessem o amor livre, não frequentavam bordéis

⁹ Associação Internacional dos Trabalhadores. Órgão resultante da Primeira Internacional, realizada em 1864 em Londres, por Marx e seus discípulos, visando expandir os ideais socialistas aos trabalhadores do mundo, propondo a luta por direitos trabalhistas e proporcionando os métodos para tanto.

e evitavam os vícios como o álcool ou o tabaco. Eles eram, de certa maneira, uma espécie de monges ateus devotados à Ideia. (BUADES, 2013, p.27)

Segundo Woodcock (2014), o anarcossindicalismo espalhou-se de forma rápida e abrangente por todas as regiões da Espanha, cada fábrica tinha o seu grupo sindical e, de forma autônoma, participava de grupos maiores em níveis crescentes, até o patamar federal. Faziam valer a vontade do operário através de greves, boicotes e outras formas de pressão sindical, visando conseguirem para os sindicalizados, melhores condições de vida e de trabalho. Contudo, sem nenhuma menção a reformismo ou aceitação de medidas paliativas, pelo contrário, mantendo o objetivo final sempre em mente, ou seja, instaurar o comunismo libertário, exaurindo as distinções de classe e acabando com qualquer autoridade.

Uma versão diferente do anarquismo, o anarcocomunismo, floresceu na Andaluzia na virada do século. O seu principal ideólogo foi o russo Kropotkin, cujo ideário foi rapidamente aceito por extensas camadas de camponeses sem-terra, que encontraram nele uma atualização do milenarismo redentor. O anarcocomunismo não prometia realizar grandes utopias, mas um mundo igualitário, não muito rico, porém suficientemente justo para que os pobres vivessem em harmonia e com dignidade. (BUADES, 2013, p.28)

Segundo Glauco Bruce Rodrigues (2012), os anarquistas, mesmo que, incongruente participando do grupo de governo, obtiveram direitos de ocupação de prédios expropriados de restaurantes e bares das cidades republicanas e os redistribuíram aos pobres e desempregados. Muitas vezes os restaurantes se tornaram cantinas coletivas onde os pobres, crianças e doentes podiam comer gratuitamente, e os trabalhadores pagavam uma pequena taxa. As companhias de serviços de água, energia elétrica e transportes públicos foram assumidas pelos sindicalistas e gerenciadas de maneira eficiente e sem a obtenção de lucros, tendo na redução tarifária uma de suas principais metas.

Por acreditar que o poder se encontra nas mãos dos indivíduos, os anarquistas fazem uso da “ação direta”, que é a prática de realizar atos violentos contra o Estado e seus braços. Portanto, ao causarem uma série de atentados a bomba e assassinatos de políticos, sacerdotes, militares e empresários inimigos da classe trabalhadora, fomentavam a perseguição e utilização de métodos ilegais, como a tortura nos interrogatórios, ao invés de, como acreditavam, aleijarem o capitalismo.

Este foi o caso do Triênio Bolchevique¹⁰, silenciado com crueldade pela guarda republicana ordenada pelo ditador Primo de Rivera, que, segundo Preston (2006), considerava a ditadura militar a única forma de resolver os problemas que a direita enfrentava na época. Muitas vezes o radicalismo anarquista, o culpado do aumento da ferocidade com a qual a oposição foi combatida, no entanto, o que deu início às ondas de violência urbana foi o reflexo da Revolução Soviética na Espanha.

O anarquismo se destacou ainda mais, diante do quadro que os dividia quase igualmente dos socialistas quando, em 1933, um grupo de guardas civis incendiou uma choupana onde vários anarquistas haviam se escondido, matando todos, inclusive as crianças e idosos presentes. A partir de então, a FAI ganhou mais seguidores, e esta organização não tinha qualquer compromisso com as estruturas do Estado, ao contrário da CNT, que tinha um tom mais conciliador. A partir deste momento, “A violência anarquista voltaria às ruas em grande escala, trazendo mais instabilidade social e contribuindo para corroer os alicerces do reformismo republicano.” (BUADES, 2013, p.29)

A FAI havia sido criada para garantir que o anarquismo em sua essência não fosse esquecido ou deformado, portanto, era rígido na seleção natural de seus membros, excluindo de imediato aspirantes que tivessem servido às forças armadas, casado ou batizado filhos na igreja católica ou que tivessem algum tipo de vício. Sendo assim, seus praticantes praticavam uma certa devoção à causa e, via de regra, já traziam conhecimento teórico prévio, ao contrário dos militantes da CNT, que muitas vezes eram analfabetos e que o pouco que sabiam, havia sido transmitido nos ateneus ou em conversas informais.

Como era esperado, em 1933 a direita obteve vitória nas urnas e o parlamento passou a ter uma representação esquerdista quase insignificativa, ainda que haja quem atribua a derrota nas urnas às reformas da Segunda República que a partir da sua fundação, em 1931 começou a angariar aos partidos de esquerda uma alta quantidade de inimigos.

É fácil compreender que, se o tempo empregado nas lutas eleitorais pelos socialistas tivesse sido consagrado à organização das classes produtoras e à

¹⁰ Período de 1918 a 1920, em que os sindicatos, inspirados na Revolução Soviética, voltaram a ganhar força e enfrentaram o arrefecimento da repressão policial por meio de manifestações, greves e atentados, sobretudo na região da Andaluzia.

propaganda educativa, a greve geral teria, há muito tempo, destruído a sociedade burguesa. Cabe a nós, anarquistas, fazer compreender essas verdades a todos os inconscientes que crêem na panacéia do voto como se fosse a hóstia que deve levá-los ao paraíso. A emancipação completa dos trabalhadores não virá nem da Igreja nem do Estado, mas da greve geral que destruirá ambos. (ROCKER, 2010, p. 4)

Anos mais tarde, a CNT, a partir da fusão com a FAI, formando a CNT-FAI, passou a apresentar características insurrecionárias. Embora hoje em dia não passe de um arremedo do que foi antes do anarquismo entrar para o esquecimento na Espanha.

1.3 As Origens da disputa e a Segunda República

A Guerra Civil Espanhola pode ser considerada a consequência inevitável de um cenário interno e externamente tenso como um barril de pólvora prestes a explodir, sendo assim, a fagulha pode ter sido um, ou vários, de uma série de fatores que não se diferem muito dos presentes na maioria dos Estados da Europa:

o lento processo de industrialização; a excessiva intervenção do Exército nos assuntos públicos; o clericalismo e o anticlericalismo; o fracasso na construção do Estado-nação; a interrupção dos fluxos migratórios em razão da Crise de 1929 e até mesmo aspectos culturais, como uma suposta tendência dos espanhóis a impor suas convicções pela força... (BUADES, 2013, p.9)

Contudo, estes não podem ser considerados como determinantes, uma vez que, em um contexto distinto do tenso período Entre Guerras, não teriam feito eclodir um conflito de tamanha magnitude. No âmbito interno havia o descontentamento de parte da população com as reformas que, segundo os mais extremados e entusiasmados com a vindoura “Segunda República”, tinham como objetivo único, adiar a revolução social. Exemplo disso é a tentativa fracassada de Golpe de Estado orquestrada por Tejero em 1981, que não gerou qualquer comoção popular.

Paul Preston (2006), concorda que a contenda já estava marcada pelo menos cem anos antes de 1936 pelos motivos de longo prazo e divide as causas estruturais da guerra civil, mas enfatiza nos cinco anos que a intercederam, com a elaboração das reformas que dividiram os radicais de esquerda e direita.

A Segunda República seria a primeira experiência espanhola com a democracia propriamente dita. Ela foi alcançada após as eleições de 1931. Contudo, como já anteviam os militantes de direita, ou nacionalistas, a Segunda República tinha um teor perigosamente revolucionário, e isto, no momento errado, foi sua derrocada.

Com a polarização da sociedade, grupos de esquerda (republicanos) como a UGT (União Geral dos Trabalhadores) e a CNT (Confederação Nacional do Trabalho), transpuseram as divergências ideológicas e, em cooperação, propuseram uma greve geral que iria paralisar a Espanha. Tal greve foi combatida através da força, porém, a união dos movimentos operários se manteve. (PASQUINI, 2012)

O primeiro ato de hostilidade entre os militantes rivais foi quando, graças à nomeação para o parlamento da segunda república ter sido majoritariamente de nomes da esquerda, fixou-se na carta magna da Espanha, uma definição de “república democrática de trabalhadores de todas as classes, que se organiza em regime de Liberdade e Justiça”, irritando aos conservadores, que foram às ruas em protesto. Esta carta magna era inspirada em documentos parecidos, elaborados na recém criada República de Weimar e do México, impulsionado pelo brado ideário de Pancho Villa e, mais recentemente, de Emiliano Zapata, que demandavam justiça social, igualdade de oportunidades e reforma agrária. Em suma, a crença no parlamentarismo estava em baixa na Alemanha, México, Itália e não seria diferente na Espanha. Desta forma, pendia-se ou para a autogestão, ou para o nazi-fascismo.

Ainda assim não se desistiu das reformas sociais de inclinação à esquerda na Espanha, que levariam o país a ser equiparável aos demais Estados desenvolvidos da Europa ocidental. Para tanto, o processo deveria ser seguido de maneira cadenciada e coordenada, eliminando os principais obstáculos, como a igreja católica, que perderia a maior parte das regalias. Em seguida, os militares que eram apoiadores do regime monárquico seriam movidos à reserva.

Em seguida partiriam para a reforma agrária, que lotearia os latifúndios entre famílias camponesas, atribuiria um salário mínimo para os operários e um teto para o preço dos produtos básicos, além de garantir o cumprimento dos direitos trabalhistas que seriam alterados através da reforma da legislação social.

Por fim, a reforma visava a obrigação do ensino igualitário e laico para todos os espanhóis, incluindo as mulheres, que até o momento eram privadas de tal direito, salvo as de altas castas. Ademais, o ensino deveria ser evoluído, assumindo condições mais modernas e atrativas, visando, entre outras coisas, retirar as crianças do chão de fábrica e dar novas oportunidades a elas.

Outra importante novidade na reforma seria a possibilidade de cada região da Espanha considerar-se autônoma para decidir suas questões, assim como para falar qualquer língua publicamente, tendo como precursora deste Estatuto de Autonomia,

a Catalunha, em 1932. Depois seguida pela província de Navarra, Astúrias e Santander e outras regiões ao norte da Espanha, que segundo Peirats (1962), tinham uma tradição mais nacionalista e não utilizariam este direito para investir em uma campanha separatista.

Entretanto, o ritmo lento e o tempo que as reformas demorariam para alcançar os operários roubaram a paciência dos anarquistas que viam a queda de Primo de Rivera como uma chance de mudar toda a conjuntura através de uma revolução. Este afobamento por parte dos anarquistas acarretou em uma aceleração na organização das massas que já se opunham à amena Segunda República.

As mulheres tiveram, nas eleições municipais de 1933, a primeira oportunidade de votar, no entanto, os progressistas que haviam cogitado primeiramente esta possibilidade, receavam que o voto feminino aumentasse a representação conservadora nas cortes. Compreendendo que as mulheres estavam tão dominadas pelos preconceitos da tradição católica que dificilmente votariam baseadas nos próprios interesses, mas no de seus mentores.

A ala esquerdista do setor político espanhol culpava o catolicismo, que com a Inquisição, deixou a Espanha fora da revolução científica dos séculos XVII e XVIII no restante da Europa, sendo diretamente responsável pelo atraso do país em todos os âmbitos. E ainda no contexto da reforma, a igreja se posicionava de forma contrária, principalmente no que tange à educação laica e na liberdade religiosa, desejando que o catolicismo continuasse a ser a única corrente religiosa permitida na Espanha e que os jesuítas permanecessem a única fonte de educação para as crianças das camadas mais privilegiadas da população.

A Espanha não teve, como a França, um século XVIII liberal e uma revolução, e seu socialismo, que alguns pensadores esboçaram nos séculos XII e XIII, é sóbrio e realista. Ele vai raramente além do coletivismo agrário e fornece raramente matéria – como ocorreu no século XVII com Martínez de Mata em Sevilha – a uma propaganda pública. Entretanto, a revolta agrária permanecia sempre latente pois o povo sabia o que queria. As ideias sociais da Revolução Francesa não trouxeram nada de novo à Espanha. (NETTLAU, 2008, p.63)

Portanto, o Vaticano encarregou muitos sacerdotes a fazerem parte dos muitos partidos políticos de direita, como a Associação Católica Nacional de Propagandas, Comunhão Tradicionalista e Ação Popular, além dos monarquistas e falangistas.

Contudo, os partidos socialistas engrossavam suas fileiras exponencialmente desde a Primeira Guerra Mundial, quando a sede da UGT se mudou para Barcelona,

atingindo um número maior de trabalhadores, porém, privando os operários e camponeses catalães de uma opção socialista, explicando assim porquê o anarquismo tomou mais força nesta região. Pode-se considerar esta também, uma das causas do aumento da repressão aos grupos socialistas, uma vez que Barcelona era um local onde prevalecia a pobreza, a delinquência e a prostituição, e por isso, o uso da força não causou estranhamento.

Esta repressão, mesmo antes do que pode se considerar o início da Guerra Civil Espanhola, causou respostas agressivas por parte dos grupos de operários em uma campanha anticlerical, como incêndios e saques em igrejas, assassinatos de sacerdotes e a libertação de freiras. Segundo Preston (2006), estes militantes mais radicais consideravam a igreja católica um agente defensor da ordem social brutalmente injusta que visava manter o poder na mão dos latifundiários.

Deve-se também lembrar que, mesmo na situação explosiva que existiu de 1919 a 1923, sem dúvida nem todos os anarcossindicalistas eram favoráveis aos meios violentos. O próprio Salvador Seguí e Ángel Pestana lideravam, dentro da CNT, uma corrente moderada, que estava disposta a buscar acordos com os empregadores e até com o Estado. Por outro lado, os extremistas, liderados por fanáticos como Durutti e seu inseparável companheiro Ascaso, estavam inclinados a usar todos os meios para apressar o milênio revolucionário. Já que não temiam as autoridades e nem respeitavam os moderados dentro de suas próprias fileiras, esses homens continuamente aceleravam o ritmo e entregavam o movimento à repetição viciosa de assassinato e contra-assassinato. (WOODCOCK, 2014, p.124)

Em todo o caso, as hostilidades, embora crescentes desde o primeiro decênio do século XX, os enfrentamentos de fato, passaram a acontecer de forma campal apenas nos últimos cinco anos que antecederam o Golpe de Estado. A exemplo da Revolução de 1934, quando os camponeses, cansados de esperar pela prometida reforma agrária, invadiram as casas dos proprietários de terra e queimaram os títulos de posse, coletivizando compulsoriamente as posses rurais.

Em 1910, com a criação da CNT, os anarquistas propunham uma abordagem alternativa à violência que tomava conta dos embates, o anarcossindicalismo, ou sindicalismo revolucionário. Esta substituição de abordagem confere uma contradição fundamental que causaria problemas à organização durante sua existência. Por um lado, atuaria como um sindicato convencional que defenderia os interesses de seus afiliados dentro da ordem prevalecente, e ao mesmo tempo advogaria pela ação direta com o fim de destruir tal ordem. No entanto, o teor mais insurrecionista da

organização, em comparação à UGT, e os seus atos violentos de sabotagem industrial e agitação de greves, logo causaria a sua ilegalidade.

Logo após o enriquecimento dos donos de indústrias têxteis, fábricas de carvão e de ferro, gerado pelas exportações durante a primeira grande guerra, os preços aumentaram, havia escassez de pão e fome generalizada, enquanto muitas pessoas deixavam o país, a UGT e a CNT organizaram uma greve geral com o intuito de provocar eleições livres e, em seguida, uma reforma.

A greve se espalhou, Barcelona ficou sem luz, e Milans del Bosch, depois de prender os líderes sindicais, decretou a lei marcial. Imediatamente a CNT declarou greve geral, e houve paralisação total nas fábricas de Barcelona. Foi uma greve completamente pacífica que demonstrou com que eficácia os trabalhadores poderiam agir sem fazer uso da violência. (WOODCOCK, 2014, p.124)

Neste contexto não houve repressão policial, pois, de acordo com Preston (2006), houve uma aliança informal tão estranha quanto efêmera entre as forças revolucionárias e a polícia e exército, graças aos protestos dos militares contra os baixos salários e a corrupção política.

Os militares revoltosos eram divididos em dois grupos, os que haviam ido para a África lutar a Guerra do Marrocos e os que haviam ficado na Espanha, portanto, chamados de africanistas e peninsulares. Os africanistas, por terem combatido os nativos marroquinos para garantirem a permanência do protetorado espanhol nesta região, eram tidos como heróis que se preocupavam com o destino da pátria, ou pelo menos se viam desta forma. Portanto, alimentavam um profundo ódio à classe política, mesmo antes de ela surgir com a proposta da Segunda República, uma vez que, os parlamentares despendiam horas e horas em debates demandando o fim da guerra que já durava vinte anos. Tinham aversão principalmente aos anarquistas e socialistas, que clamavam nas ruas pelo retorno dos trabalhadores, enviados contra a vontade à guerra que não trazia nenhuma vantagem ao país. E por fim, desdenhavam até mesmo os peninsulares. Estes, por sua vez, também viam com maus olhos os africanistas, que graças à campanha marroquina, haviam ascendido abruptamente.

Essa promoção por méritos de guerra colocou em campos opostos o corpo de infantaria e o de artilharia. Enquanto os primeiros defendiam a justiça da promoção baseada no valor no campo de batalha, os segundos exigiam que qualquer ascensão fosse feita seguindo escrupulosos critérios, levando em conta o tempo de serviço às Forças Armadas. (BUADES, 2013, p.23)

Os peninsulares criaram a Junta Militar de Defesa, que era uma espécie de sindicato visando subverter ao sistema em que as promoções se davam pelo tempo de serviço. Tal iniciativa deu mais poder aos militares que não haviam lutado a guerra colonial, uma força conservadora e retrógrada, mais voltada a manter a ordem social do que a defender os interesses da pátria. Conseguiram ainda, aposentar muitos dos importantes veteranos de guerra, evitando que estes chegassem a cargos políticos.

Além destes fatores, os militares eram divididos por fatores ideológicos, como o apoio que boa parte dedicava ao monarquismo, outros eram adeptos ao nazismo que se crescia na Alemanha e uma grande parte estava maravilhada pelo fascismo italiano com sua abrangência aos âmbitos social, econômico e político, assegurando as escolhas nas mãos de um líder militarista que garantia altos direitos e investimentos nas forças armadas, assim como pretendia transbordar os valores militares para a população. Por fim, era visto na Itália e na Alemanha o desenvolvimento econômico como suposto resultado da luta contra o socialismo e a expulsão ou perseguição aos judeus, ciganos e praticantes de outras religiões além da católica.

Ainda assim, por um breve momento, os capitalistas, operários e militares se uniram pela limpeza da política da Espanha, e, segundo Paul Preston (2006), caso esta aliança tivesse dado certo, a Guerra Civil de 1936 não teria acontecido. Contudo, os políticos manejaram a situação de forma tão ardilosa, que provocaram uma greve geral, colocando operários contra industriários e, com uma promessa de salários melhores, conseguiram comandar a polícia para acabar com a greve socialista em um banho de sangue. A partir daí, novas alianças se formaram, os industriários se uniram aos latifundiários da mesma forma como os camponeses se uniram aos operários, restando uma parcela numerosa da sociedade fora desta disputa: os pequenos proprietários de terra, que logo foram cooptados pela direita através da demonização dos anarquistas e da oferta de facilidades na obtenção de crédito e assessoramento.

Estes pequenos proprietários de terra, antes chamados de “gente miúda” passou a se referir ao proletariado rural sem terra desta forma, passando a ver a si mesmo como parte da nobreza quase feudal que habitava as planícies espanholas, utilizadas, em sua grande maioria, para a agricultura de seca ou a criação de touros de lide. Mesmo os agricultores mais desenvolvidos não obtinham uma renda por hectare comparável à da maioria dos países europeus, graças ao atraso científico.

Portanto, a forma de transpor o problema agrário era a reforma agrária...

Logo formou-se o instituto para a reforma agrária, encarregado de detectar os latifúndios improdutivos, expropriá-los, loteá-los e entregá-los às famílias sem-terra. Não foi cogitado o modelo de coletivização de terras, à maneira dos *kolkhoses* soviéticos, mas o ideal liberal-progressista, de transformar os trabalhadores agrícolas em proprietários das terras onde trabalhavam (BUADES, 2013, p.21)

Igor Pasquini (2012) discorda desta concepção, afirmando que “o modelo russo de relações de propriedade foi adotado por amplos setores dos partidos comunistas de esquerda – a chamada “bolchevização” da década de 1920 – e do movimento operário internacional” (p.42) e que as coletivizações, apesar da orientação stalinista dos partidos comunistas, se deu a partir dos moldes anarquistas. Ademais, o instituto despendeu de todos os esforços possíveis para, através da educação, melhorar o desempenho dos novos agricultores, uma vez que, não era o bastante apenas dar as terras a quem não tinha mas manter os mesmos níveis de produção. Por outro lado, segundo Preston (2005) os latifundiários passaram a fazer tudo o que estava ao seu alcance para acabar com as expropriações, até mesmo com a contratação de pistoleiros e a aliança com determinados setores das forças armadas, tanto na execução de métodos violentos para garantir a posse das terras, quanto no respaldo jurídico a quem defendia a ponta de faca as suas terras.

Com a chegada da Segunda República, a doutrina dominante entre os anarquistas era que nada de significativo tinha mudado com a troca de regime político. A Monarquia e a República eram duas formas idênticas de opressão do proletariado e deviam ser combatidas do mesmo modo. (BUADES, 2013, p.28-29)

Os socialistas, por sua vez, viram na Segunda República a janela perfeita para aplicar o seu regeneracionismo, o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) e a UGT (União Geral dos Trabalhadores) ocuparam lugares nas cortes de Madri e fizeram propostas legislativas visando obter melhorias nos direitos sociais, contudo, sob o olhar desconfiado dos anarquistas. Além dos anarquistas e socialistas representarem uma esquerda cindida na Espanha, haviam cisões internas entre os socialistas, divididos entre três alas, os intelectuais; os pacifistas e reformistas; e por fim, os mais radicais e revolucionários, liderados por Largo Caballero, um sindicalista que, em menos de dez anos deixara de apoiar a ditadura militar de Primo de Rivera e adotar uma postura de esquerda com tamanha energia que tornou-se um líder incomparável. (Peirats, 1962)

1.4 O fascismo espanhol e a ascensão do Generalíssimo

A partir da Primeira Guerra Mundial, o movimento esquerdista ganhou força de forma exponencial e os conservadores não ficaram parados assistindo; organizaram-se e rearmaram-se e aliaram-se a antigas milícias, com o apoio das quais, prestavam instruções militares e de tiro ao alvo. Filiaram-se a partidos políticos, ainda que evitando esta alcunha por considerá-la liberal demais para o gosto totalitarista. Ao invés disso, utilizavam-se de termos religiosos, como “comunhão tradicionalista”, queriam reunificar igreja e Estado, abominando leis da República como a do divórcio. (PASQUINI, 2012)

Neste panorama, inspirado no fascismo italiano, grupos de extrema direita começam a propagar tal ideologia. Em seguida, formaram a JONS (Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista), absorvendo, então, características do nazismo alemão que crescia concomitantemente. A JONS se tornaria posteriormente, o único partido político legal durante o regime franquista. Entretanto, somente no ano de 1933 é que o fascismo tornou-se institucionalizado, com a fundação da FE (Falange Espanhola) por José Antônio Primo de Rivera, filho do ditador que governara de 1923 a 1930. Na inauguração, propunha a uma multidão de simpatizantes, a ideologia “dos punhos e das pistolas” em combate ao movimento operário que estava encaminhando o país a uma anarquia. Expôs ainda uma lista com 27 pontos que norteariam o programa político que pretendiam seguir.

Neles se previa, entre outras coisas, a indissolúvel unidade da Espanha (apropriando-se para tanto da expressão de Ortega y Gasset de “unidade de destino no universal”), o estabelecimento de um Estado totalitário baseado em valores corporativistas, a nacionalização da banca, a substituição da luta de classes pelo sindicalismo vertical, a recuperação da vocação imperial e uma atitude mais firme de rearmamento que devolvesse à Espanha o papel de potência que tivera no passado. No 27º ponto exprimia-se a vontade de pactuar o mínimo possível e de manter a todo momento uma postura independente e alheia à politicagem do parlamentarismo. (BUADES, 2013, p.31)

Em 1934, a FE se uniria à JONS, formando o FE-JONS, aumentando suas fileiras, mas não a sua, quase nula, representatividade política. Tampouco eram vistos com bons olhos na sociedade, toda a vez que tentavam levar a luta social às ruas, opondo-se ao crescente sindicalismo, promoviam um irrisório fiasco. (PRESTON, 2006)

Os líderes falangistas apareciam com muita frequência nas páginas dos jornais, mas quase sempre fotografados assistindo ao enterro de algum companheiro falecido em brigas com anarquistas ou socialistas. A situação chegou a tal ponto que circulou um comentário irônico em Madri dizendo que FE eram, na verdade, as iniciais de “Funerária Espanhola” (BUADES, 2013, p.31)

Na maioria das vezes, os falangistas eram vistos como jovens jogadores de cartas vestindo cartolas em cassinos, exclamando o saudosismo imperial da vida antiga e do idealismo romântico quase romanesco. Porém, de discurso raso, inconsistente, somando pontos socialistas às características conservadoras, opondo-se às injustiças do capitalismo.

O falangismo não pode ser entendido fora do contexto europeu dos anos 1930. Suas camisas azuis imitavam as camisas negras do fascismo italiano ou as pardas das SA nazistas. Os hinos que enalteciam as glórias pátrias a ritmo de marcha militar também eram uma influência dos movimentos de extrema-direita europeus. E em seu discurso totalitário não é difícil perceber a sombra de Hitler e de Mussolini. Porém, além dessa óbvia presença ideológica do nazifascismo, a Falange também assumia alguns princípios do conservadorismo hispânico. Ao contrário de seus correspondentes italianos e alemães, os falangistas defendiam a religião católica com veemência, considerando-a um elemento fundamental da identidade espanhola. Neste ponto, o ideário da Falange aproximava-se do integralismo português ou da Action Française, diluindo em parte o espírito revolucionário que o partido aparentava pregar. (BUADES, 2013, p.32)

Com o tempo, os grupos de direita da Espanha fundiram-se em um partido chamado CEDA¹¹ e este se tornou tão influente que conseguiu permear até mesmo os movimentos separatistas dentro do país, como o *Nosaltres Sols*, que visava instituir um exército próprio da Catalunha.

A Segunda República, portanto, foi palco da polarização da sociedade na qual um lado queria uma revolução social e do outro a instauração de um regime totalitário aos moldes da Itália e da Alemanha, restando apenas uma pequena parcela de centro político que ainda acreditava no parlamentarismo, enquanto que os polos se armavam em grupos paramilitares preparando-se para a guerrilha que estava por vir.

Ricardo de la Cierva (1969) alega que a república é uma fraude, haja visto que, segundo ele, a maioria da população espanhola era favorável à volta da monarquia e contrária às reformas propostas pelos partidos de esquerda. O autor diz ainda que a República não é democrática por ser fruto de uma discórdia entre a população e

¹¹ Confederação Espanhola de Direitas Autônomas

causadora de tantas mortes. Citando como exemplo que os republicanos não aceitaram a derrota nas urnas em 1933 e ocuparam as ruas durante quinze dias, contabilizando um total de mil e quinhentos mortos. A literatura franquista em geral converge com a posição de Ricardo de la Cierva que considera que o único governo republicano legítimo foi o de centro direita que governou de 1933 a 1935, adotando a postura de que, se as esquerdas houvessem aceitado o resultado das urnas, a Guerra Civil não teria acontecido.

Neste contexto, enquanto uma abordagem mais moderada ganhava força e até mesmo influenciava a CNT, os sindicalistas mais radicais fundam a FAI, que, segundo Pasquini (2012), seria de extrema importância para a revolução, pois ela visava reaproximar o sindicalismo do anarquismo, preservando seus traços que aos poucos se perdiam. A FAI acusava a CNT de estar se tornando um órgão comunista, enquanto que a CNT a acusava de estar “aparelhando” o sindicato.

Após a derrota esquerdista nas eleições de 1933, os partidos conservadores deram por acabada a temporada de reformas, com exceção da reforma agrária, que se manteve por algum tempo, ainda que em um ritmo lento. O CEDA, como maioria no congresso, tinha, por vezes, mais poder que o próprio Primeiro Ministro Lerroux, e, não obstante, em outubro de 1934, através de uma chantagem a Lerroux, instauraram mais três ministros, causando a revolta dos militantes de esquerda que foram às ruas temendo o advento de uma ditadura centralizada, na chamada Revolução de 1934. (PEIRATS, 1962)

Todavia, os anarquistas não participaram das greves e passeatas deste evento por discordarem das intenções socialistas, salvo ocasiões isoladas, como nos combates das Astúrias, onde lutaram lado a lado durante as quatro longas semanas de duração do conflito em que enfrentaram tropas lideradas pelo jovem general Francisco Franco, que utilizou-se das táticas de guerra imperial que havia posto em prática na Guerra do Marrocos, deslocando inclusive, os temíveis e cruéis legionários e regulares, seus subalternos neste contexto.

Embora os sindicalistas respondessem com valentia à ofensiva do governo central, a superioridade do armamento do Exército (que incluía metralhadoras, morteiros, suporte da artilharia e apoio tático da aviação) fez a diferença, e, um após outro, os vilarejos e cidades em mãos de esquerdistas tiveram que se render ao avanço de Franco. Os soldados governamentais fizeram justiça pelas próprias mãos, assassinando a sangue frio uma parte considerável dos prisioneiros, às vezes com doses de crueldade que estarreceram a população local.

A repressão às Astúrias se transformou, em muitos aspectos, em um prelúdio do que aconteceria menos de dois anos depois. Franco não mostrou nenhuma consideração pela dignidade humana dos revoltados, tratados como insetos que deviam ser esmagados para evitar que a doença revolucionária se espalhasse pelo resto do país. (BUADES, 2013, p.34)

Tal massacre levou a esquerda a repensar sua estratégia e abandonar a violência como forma de obtenção do poder e, a exemplo da CEDA, formou uma grande coalizão para vencer nas urnas, a Frente Popular. Este termo não fora utilizado apenas na Espanha, mas na França e no Chile, graças à coordenação da União Soviética aos militantes de esquerda, frente ao crescente nazi-fascismo de extrema direita. O objetivo era aliar todas as esquerdas do mundo sob a sua influência. Mas apenas nos três países citados a coalizão teve êxito e abarcou partidos socialistas, social-democratas e até mesmo de pequenos-burgueses, ficando de fora apenas os anarquistas, “alegando sua aversão a qualquer iniciativa que supusesse um compromisso com o Estado alienador e opressor” (BUADES, 2013, p.36)

Provavelmente por esta nomenclatura, ou pelo papel da União Soviética na coalizão, historiadores franquistas, e principalmente De La Cierva (1969) considera o resultado das eleições de 1936 um Golpe de Estado Civil Marxista, pois entrega o poder a uma força externa com interesses expansionistas e favorece as tendências separatistas dentro do país. A direita espanhola afirmava que os únicos que poderiam livrar o país de uma revolução eram os militares, queriam a eliminação dos sindicalistas, e estes, por sua vez, consideravam que a única forma de acabar com a luta de classes era dizimar a burguesia. Nas ruas só se viam agressões verbais, quando não físicas. Portanto, quando, em fevereiro de 1936, a Frente Popular venceu as eleições, o ódio tomou conta da sociedade. Os falangistas tentaram assassinar Caballero, líder do PSOE, e graças a este e muitos outros atos de violência urbana, passaram a ser considerados ilegais, o fundador da FE foi preso, os oficiais que ofereciam risco de insurgir foram afastados da capital e as reformas da Segunda República retornaram. Com isso, os militares orquestraram um golpe que deveria ter acontecido em abril de 1936, mas foi interceptado pela inteligência e os responsáveis punidos. (PEIRATS, 1962)

Graças ao profundo conhecimento da arte da guerra e aos seus poderosos contatos, Francisco Franco era almejado pelos arquitetos do golpe. Este, por sua vez, reservava-se ao direito de esperar que aquele movimento tomasse proporções mais significativas. Não queria correr o risco de ser preso, como aconteceu com o filho de

Primo de Rivera, e pôr fim à sua brilhante carreira. No entanto, em 10 de julho, os militares “resolveram dar início à insurreição armada *con Franquito o sin Franquito*, conforme os dizeres do general Sanjurjo” (BUADES, 2013, p.40). Franco decidiu mudar de ideia e juntou-se aos rebeldes.

1. 1936-1939: GUERRA CIVIL E REVOLUÇÃO

O período de julho de 1936 a abril de 1939 ocorrido na Espanha pode ser considerado um dos mais sangrentos do século XX, perdendo apenas para as duas grandes Guerras Mundiais. Nele foram presenciados conflitos motivados por questões de religião, luta de classes e ideologia. Uma Guerra Civil, ao contrário de uma guerra convencional, é lutada entre vizinhos, familiares e amigos, o que confere um teor ainda mais amargo ao conflito, no entanto, como disse Paul Preston (2006), a Espanha é um país em que pelo menos nos últimos mil anos, a guerra civil foi a única forma de resolver os problemas políticos, sendo a Guerra Civil de 1936 a 1939 a quarta vez em que espanhóis de interesses divergentes se enfrentavam.

Contudo, por pior que tenha sido, a maioria dos estudiosos concorda que o conflito foi necessário para reverter o subdesenvolvimento e a injustiça social que assolavam o país, enquanto que os que apoiavam o Golpe de Estado diziam que os confrontos limpariam a Espanha dos marxistas e dos maçons.

O Golpe de Estado teve início a partir dos protetorados africanos da Espanha no dia 17 de julho, se estendendo dois dias depois ao território ibérico. De modo geral, as cidades a caírem nas mãos dos militares foram as de menor tradição operária. Uma das exceções foi Zaragoza, que sem demora foi retomada pelos esquerdistas graças ao apoio dos anarquistas que se deslocaram da Catalunha.

Nas zonas católicas do interior, onde a sublevação alcançou triunfo imediato, logo começou a correr o sangue da repressão geral de todos os tipos de republicanos. Não foram presos e fuzilados somente os relativamente escassos anarquistas, comunistas e trotskistas da região, como também os socialistas moderados e os republicanos de centro-esquerda. (PRESTON, 2005, p.404, tradução nossa)

Na Galícia, o governo civil negou o pedido de entregar armas às forças sindicalistas para defenderem a região da tomada golpista e acabou por ser derrubado. Na Andaluzia, os falangistas filhos de proprietários de terras obrigaram os sindicalistas do campo a cometerem suicídio pela ingestão de óleo de rícino. Sendo esta também, uma das regiões onde a população apoiou o golpe e ofereceu refúgio aos rebeldes, embora tenha pago duramente por esta escolha.

Numerosos homens e mulheres foram presos. As mulheres tiveram as cabeças raspadas e uma foi arrastada por um burro pelas ruas da vila antes

de ser assassinada. Durante os três meses seguintes, sessenta foram fuziladas. (PRESTON, 2005, p.427, tradução nossa)

Após o primeiro impacto do *alzamiento*, os militares rebeldes possuíam controle de metade da península, no entanto, estavam fadados a perder muitas das regiões controladas graças à falta de apoio das patentes mais baixas das forças armadas e da falta de apoio dos políticos, que demandavam a entrega de armas para o começo das negociações. (GRAHAM, 2013)

Em Barcelona, os anarquistas, mesmo que em desvantagem de armamentos, conseguiram repelir os militares sublevados e controlar a região por quase todo o período da Guerra Civil. Em seguida, o presidente da *Generalitat*, entregou o poder formalmente aos anarquistas, irritando o Primeiro Ministro, que encarou o ato como um plano de nacionalismo catalão querendo abolir o Estado espanhol. A CNT e a FAI criaram a Junta de Defesa da Catalunha e, sobrando poder de fogo, resolveram libertar Aragão, expulsando os golpistas de algumas cidades, mas não recuperando a região por completo. (PEIRATS, 1962)

O levante fascista foi respondido não pelo impotente governo republicano, mas por uma insurreição popular em que homens, mulheres e a juventude destruíram, em menos de um mês, toda a infra-estrutura da sociedade espanhola. Em julho de 1936, o proletariado em armas realizou uma abolição de fato da Igreja e do Estado e iniciou a superação do modo de produção capitalista mediante novas formas econômicas e sociais. No ano seguinte, mediante os conselhos, a classe operária iria se tornar uma terceira força lutando contra ambos, fascistas e antifascistas, rechaçando as tentativas do governo republicano de restabelecer sua autoridade. (CEL, s.d. p.4)

No dia 20 de julho o avião em que viajaria José Sanjurjo, o arquiteto do golpe, se acidentou na decolagem. Segundo a historiadora Helen Graham (2013), Franco recebeu a notícia em bom tom, esboçando até mesmo um sorriso enquanto perguntava “Então é só isso?”. O poeta chileno Pablo Neruda escrevera uma poesia comemorando a morte do militar:

Sanjurjo en los infiernos: Amarrado, humeante, acordelado a su traidor avión, a sus traiciones, se quema el traidor traicionado. Como fósforo queman sus riñones y su siniestra boca de soldado traidor se derrite en maldiciones, por las eternas llamas piloteado, conducido y quemado por aviones, de traición em traición quemado. (NERUDA, s,d)

Com a morte de Sanjurjo, o General Emilio Mola se torna o principal oficial rebelde, com sua experiência no comando de tropas na Guerra de Marrocos e seus

discursos contundentes, o oficial, que recebera a alcunha de *El Director*, era cruel nos interrogatórios que fazia pessoalmente, e via no terror psicológico a receita da vitória. Como pode ser visto em um de seus discursos presentes no livro de Paul Preston:

Temos que semear o terror... temos que dar a sensação de dominação, eliminando sem escrúpulos ou hesitação a todos os que não pensem como nós. Sem covardias. Se vacilarmos um momento e não procedermos com a máxima energia, não ganhamos a partida. Todo aquele que auxilie ou abrigue um sujeito comunista ou da frente popular, será passado pelas armas. (PRESTON, 2005, p.405, tradução nossa)

No entanto, quem buscara apoio internacional fora Franco, que primeiramente procurou Hitler, ainda no fim de julho. Hitler enviou os esforços de guerra (aviões de combate, peças de artilharia, munição abundante e tropas de solo) diretamente a Franco, o qual considerava o seu homem de confiança, assim como Mussolini.

Nos primeiros dias da sublevação, Franco, silenciosamente ambicioso, fez da vitória na guerra sua prioridade principal. Não obstante, nem ele nem seus subordinados deixaram passar em suas conversas com jornalistas e diplomatas, nenhuma ocasião para referir-se como “as tropas de Franco na península”. Após uma semana do golpe, nos ministérios de assuntos exteriores da Europa se referiam aos rebeldes como “os franquistas” (PRESTON, 2005, p.452)

Os equipamentos enviados pela Alemanha nazista se tratavam do que havia de mais moderno na época, ainda assim, o Führer destinou esse apoio sem pedir muito em troca, além da possibilidade de treinar suas tropas para a Segunda Guerra Mundial que se avizinhava.

Para Mussolini, os nacionais pediram apoio aeronaval para transportar as mais de 30 mil unidades que estavam na África. O ditador italiano não queria se envolver nos assuntos da Espanha, mas acabou sendo convencido pelo genro, o ministro das relações exteriores Galeazzo Ciano, a oferecer o apoio antes que a França o fizesse, uma vez que, tal ato poderia determinar a posição da Espanha na Segunda Guerra Mundial.

Mussolini enviou ainda, além de tropas terrestres, o Conde Rossi, que no território ibérico, assumiu uma unidade da Falange Espanhola, treinando-a e conduzindo-a a atrocidades como torturas e execuções em massa. Tal milícia fora chamada de “*Dragones de la Muerte*”. As forças falangistas cresceram exponencialmente com o apoio internacional, sobretudo os esforços italianos, que superaram infinitamente os de Hitler. Proporcionando, contudo, uma aproximação da

cultura, já rude e vingativa dos nacionais, ao nazi-fascismo. O que provocou um aumento da violência sistemática praticada pelos falangistas que apenas cresceu nos três anos do conflito.

A tese da violência política tinha uma base real: houve mais de duzentas vítimas mortais nos cinco meses precedentes ao *Alzamiento*. Mas também é verdade que a extrema-direita não foi inocente ou meramente passiva. Em muitos casos, protagonizou ou incentivou os atos violentos com o objetivo de debilitar o governo. De qualquer maneira, esse surto de violência ocorrido no primeiro semestre de 1936 não seria nada se comparado à onda de mortes que haveria após o 17 de julho. Se o intuito dos generais rebeldes era parar os assassinatos descontrolados, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que fracassaram por completo. Além disso, o uso indiscriminado da detenção e do assassinato de políticos e de sindicalistas, desde o primeiro dia da insurreição, desmente essa hipótese. (BUADES, 2013, p.50)

Os republicanos, por sua vez, buscaram negociar material bélico com a França, no entanto, a enorme transação acabou sendo cancelada pela decisão de aristocratas britânicos que tinham medo que o conflito se estendesse ao restante da Europa, dadas as intenções expansionistas de Hitler e Mussolini e que estes poderiam estar apenas buscando um pretexto para iniciar uma guerra, e este pretexto poderia ser a declaração francesa de apoio a grupos de esquerda na Espanha. Neste meio tempo, Stalin estava mais preocupado com o revisionismo do que com a exportação do socialismo e as outras potências que poderiam estar interessadas em frear o avanço fascista não tinham condições financeiras para tanto, graças à crise em que o mundo ocidental se encontrava no início dos anos 30. (GRAHAM, 2013)

Segundo Buades (2013), ainda que fossem boas as intenções da Grã Bretanha de encurtar a guerra através do trancamento do fluxo de armas ao conflito, tal “apaziguamento” beneficiou enormemente o lado rebelde, pois tanto Hitler quanto Mussolini, e até mesmo Salazar, assinaram o tratado de não-intervenção sem diminuir em nada os envios de materiais bélicos e tropas à península.

Para Preston (2005), isso se deu graças ao medo de que outra Revolução de esquerda se espalhasse pela Europa, ou seja, embora o nazi-fascismo assustasse as potências europeias, o socialismo era ainda menos aceitável. Descobrendo isso, Stalin fez a mesma coisa, mesmo tendo assinado o tratado, fez grossos envios aos republicanos, que fizeram a diferença, mas não o suficiente para cobrir a neutralidade da França e Grã Bretanha, as duas maiores democracias europeias. Os EUA, além de não intervirem do lado da República Espanhola, ainda facilitaram a exportação de armas e combustível para os rebeldes, assim como empresas privadas

estadunidenses também apoiaram fortemente os golpistas com o envio de veículos e dinheiro.

Segundo Helen Graham (2013), o México foi o único país que se posicionou contrário à farsa do tratado de não intervenção e mesmo com condições precárias, fez o envio de vinte mil fuzis e munição suficiente para utilizá-los, além de, no fim da Guerra Civil, oferecer exílio aos perseguidos políticos da ditadura franquista.

A virada geral para a direita data de outubro-novembro de 1936, quando a U.R.S.S começou a enviar armas para o Governo e o poder começou a passar dos anarquistas para os comunistas. Com exceção da Rússia e México, nenhum outro país tivera a decência de vir acudir o Governo, e o México, por motivos óbvios, não podia enviar armas em quantidade maior. Por consequência, os russos encontravam-se em posição de ditar condições. (ORWELL, 2006, p.34)

O abandono dos republicanos na sociedade internacional gerou simpatia entre os adeptos de partidos de esquerda de toda a Europa ou até mesmo do mundo, atraindo milhares de voluntários, desde operários desempregados ou perseguidos, até intelectuais consagrados internacionalmente. Com o tempo, o envio de brigadistas passou a ser gerenciado pela URSS, que através da NKVD¹², inspecionava os membros que seriam enviados em seguida para a Espanha. (PASQUINI, 2012)

Assim que alcançou o poder, principalmente com o governo de Largo Caballero, a coalizão anarco-socialista promoveu uma socialização da economia e coletivizaram as empresas de serviços públicos através do afastamento ou assassinato dos seus proprietários ou diretores.

Em seguida coletivizaram as terras, eliminando todos os que desejavam manter a propriedade privada. No entanto, as propriedades rurais, principalmente as menores, permaneceram nas mãos de seus donos, que apenas tinham que entregar parte da produção à Federação de Sindicatos Agrícolas da Catalunha. O objetivo era instaurar uma “Nova Economia”, de acordo com o que diziam os teóricos anarquistas, tendo como principal objetivo garantir os interesses da classe trabalhadora.

Na Catalunha, principal centro industrial do país, 70% das empresas industriais havia sido coletivizada nos primeiros dias da Guerra Civil, dando exemplo para muitas outras cidades, vilarejos e regiões, onde também surgiram coletividades autogestionadas (ROCKER, 2010)

¹² NKVD é o órgão de inteligência da União Soviética, que posteriormente se tornou a KGB.

Todavia, o caso da Catalunha foi exceção, a única região espanhola em que houveram decretos de coletivização. Em Madri, o governo se opunha fortemente às coletivizações dos bancos, irritando os anarquistas que consideravam que a revolução estaria incompleta enquanto os bancos obtivessem lucro com a crise. (PRESTON, 2006)

Os principais alvos do fervor revolucionário eram as autoridades clericais, que eram mortos durante o fechamento ou destruição e incêndio das paróquias, enquanto os anarquistas diziam que “a única igreja que ilumina é aquela que arde”. O culto religioso foi proibido até mesmo no âmbito familiar. Bispos e sacerdotes eram mutilados e torturados enquanto corpos de padres e freiras eram exumados e expostos ao escárnio. Segundo Woodcock (2014), a inquisição espanhola é a razão para o ódio anticlerical dos anarquistas, podendo ser considerada, de acordo com Gerald Brenan, o tardio movimento reformista. Woodcock traz ainda as palavras de Borkenau, que diz que a aversão anarquista à religiosidade é, de fato, um traço de fé tão, ou mais fanática do que a católica, a ponto de atribuir ao cristianismo todos os males do mundo. O autor termina sua colocação dizendo que na Espanha toda crença aspira a ser totalitária. Há de se salientar que estes atos de ódio às figuras religiosas, não apenas deram pretexto para a ferocidade pela qual, não apenas os anarquistas, como também a população não-combatente sofreram nas mãos dos fascistas.

A Espanha se dividiu em duas; uma parte, sobretudo o norte, sob o controle de militares rebeldes “nacionais” que seguiam os moldes das forças armadas, com hierarquia, ordem unida e uniformes. No restante do território ibérico, haviam milícias compostas de sindicalistas, marinheiros de baixas patentes, que ainda capazes de aleijar a marinha com sua ausência e com a tomada de numerosos navios de guerra, eram inaptos a operá-los por conta própria. A maior parte da força aérea estava do lado republicano e prestava apoio de reconhecimento e pequenos bombardeios.

Cada categoria comandada por sua própria organização e dividida em diversas milícias, como a “Coluna Durruti” que seguia Buenaventura Durruti, um dos mais carismáticos líderes anarquistas. O POUM¹³ tinha a milícia Carlos Marx, com George Orwell lutando em suas fileiras.

A autonomia destas milícias, seguindo os moldes do federalismo proudhoniano, era um fator positivo na maior parte dos casos, no entanto, em operações de grande

¹³ Partido Operário da Unificação Marxista

porte, se tornava um empecilho não haver um comando que abrangesse todas as tropas, e mesmo quando havia, os grupos se reuniam para decidir em uma assembleia se deveriam ou não acatar a ordem recebida.

Segundo a Célula de Entretenimento Libertário (s.d) os delegados conselhistas eram facilmente revogados e substituídos, além de que, tanto nas forças combativas quanto nas fileiras para outros serviços, não havia distinção nos pagamentos, o que fomentava o convívio pacífico entre os anarquistas. “A história das milícias continua sendo a do proletariado armado: as colunas revolucionárias resistiram até o fim a qualquer tentativa de “militarização” dos que pretendiam subordiná-las ao exército regular” (CEL, s.d. p.6) bradando o slogan “milicianos, sim! Soldados, nunca!”

As milícias anarquistas e trotskistas chamaram a atenção dos comentaristas internacionais por incorporarem mulheres. Não se tratava somente de uma presença subalterna, como cozinheiras ou enfermeiras, mas de verdadeiras milicianas, que empunhavam o fuzil contra o que chamavam de “fascistas”. Era um novo papel para a mulher em uma sociedade tão machista. Também nesse ponto as esquerdas (embora nem todas, pois os comunistas não foram tão favoráveis à integração de mulheres nas milícias) se distanciavam da direita espanhola, para a qual a mulher só devia ocupar o espaço doméstico, como esposa e mãe devotada, garantia fiel do lar católico. (BUADES, 2015, p.54)

Embora planejar não fosse o forte dos milicianos, eles se destacavam na arte do improvisado, tendo construído de pronto, enormes barricadas que contiveram o avanço da cavalaria e adaptado, em poucas horas, carros de passeio expropriados da burguesia, em carros de combate blindados. Os uniformes dos milicianos eram, via de regra, seus trajes de operários ou os farrapos de camponeses, enfeitados com lenços vermelhos em volta do pescoço ou na cintura. (GRAHAM, 2013)

Em agosto Franco aproveita do descontentamento dos conservadores em relação ao representante da sublevação, o general Queipo de Llano, que apesar de estar conseguindo bons resultados nas campanhas que comanda, os irrita com suas aparições diárias no rádio fazendo uso de linguajar vulgar, para instaurar como símbolo da revolta, a bandeira da monarquia carlista, caindo nas graças da direita espanhola que logo lhe consagraria como futuro presidente. Principalmente após os eventos da Campanha da Extremadura¹⁴, onde, por uma estratégia engenhosa, as tropas lideradas por Franco avançaram pela região da Extremadura, aproveitando a fronteira com Portugal para evitar ataques à retaguarda, (já que Salazar, mesmo não

¹⁴ Região ao leste da Espanha, faz fronteira com Portugal.

sendo um fiel apoiador de Franco, temia que a ascensão de grupos de esquerda no país vizinho transbordasse suas fronteiras e por isso ofereceu um apoio mínimo, no entanto, isso não durou muito, graças ao compromisso luso com a Inglaterra) obtiveram sucesso na tomada de várias regiões através da chacina de sindicalistas rurais que foram facilmente esmagados pela falange.

Liderando o cerco de El Alcazár¹⁵, considerado o momento mais heroico dos sublevados durante o conflito, Franco conseguiu o apoio que lhe faltava para se eleger o comandante supremo das forças nacionais na tarde de 21 de setembro, em uma reunião da Junta de Defesa. Havia, entre os candidatos, generais mais preparados, no entanto, pelos seus feitos atuais, Franco brilhava mais que qualquer dos outros quatro.

Havia estado sob as ordens de Miguel Cabanellas no Marrocos e ficara bastante afastado da política nos anos da Segunda República. Porém, tinha brilhado durante o esmagamento da Revolução de Outubro de 1934 e desde o 18 de julho colhia os triunfos cada vez mais retumbantes do lado nacional. A sua candidatura era, pois, a mais sólida. (BUADES, 2013, p.77)

Embora a eleição de Franco fosse apenas para comandar a sublevação, este a encarou como uma eleição de chefe de Estado, proclamando bispos, alterando e criando leis, entre outras coisas, ainda assim, não se sabia ao certo o que representava, uma vez que, os rebeldes não eram favoráveis à república tampouco à monarquia, embora a bandeira utilizada denotasse isso. O chamavam *Caudillo*¹⁶, como um equivalente a *Führer* ou *Duce*.

Assim como no lado republicano, os nacionais, divididos em *requetés*¹⁷ da Comunhão Tradicionalista e falangistas, também estavam cindidos. Contudo, após brigas de rua dos lados opostos dentre o lado nacionalista, Franco redigiu o Decreto de Unificação, proibindo a atuação de qualquer partido político no território controlado. Entretanto, abarcando todos os ideários em um só, formando um único movimento nacional, que denominou Falange Espanhola Tradicionalista, agradando a todos e realmente resolvendo o problema das cisões, ao contrário da esquerda, que padeceu com estes até o fim da guerra. Esta flexibilidade de Franco pode ser considerada a razão por ter recebido tanto apoio durante toda a sua carreira política, sendo que até

¹⁵ El Alcazar foi uma penitenciária para presos políticos, considerada a bastilha espanhola.

¹⁶ Caudilho: chefe militar, general de forças irregulares que lhe são fiéis; chefe político que possui uma força militar própria. Geralmente agindo de maneira autoritária e dura, tanto com seus subalternos quanto com os civis do Estado comandado.

¹⁷ Requeté era uma organização paramilitar carlista, nomeada desta forma em homenagem aos guerreiros de boinas vermelhas que lutaram na Primeira Guerra Carlista em 1833.

mesmo depois de sua morte o franquismo prevaleceu no parlamento através de seus ministros. O *Caudillo* manteve a maior parte das suas características de governabilidade próximas ao fascismo italiano, ainda que no âmbito econômico tenha traçado uma linha crescente de liberalismo.

Esta unificação nacionalista quase determinou o desfecho da guerra civil, pois os falangistas passaram a despender todas as suas forças para combater os republicanos que, muitas vezes, lutavam entre si. Contudo, neste contexto, houve o envio de material bélico (tanques, aviões e armamento) e assessores militares para os republicanos, mais especificamente, para os socialistas.

As novas condições de combate permitiram que os republicanos repelissem, por exemplo, a segunda ofensiva de Madri. Os soviéticos, através do PCE, organizaram até mesmo os moradores de Madri para que, mesmo desarmados, lutassem para impedir que os falangistas, compostos por legionários e regulares, tomassem a cidade. Foi aí que se popularizou o famoso brado "*No pasarán!*", ouvido a milhas de distância. Nesta batalha, além do fervor popular, as brigadas internacionais fizeram total diferença, ainda que representassem menos de 5% da resistência, foram chamados pela mídia internacional de "salvadores de Madri".

Nos momentos que antecederiam a batalha de Madri, os anarquistas aceitaram o convite de Largo Caballero, feito meses antes, para participar do governo, recebendo críticas dos anarquistas espanhóis e também pela imprensa internacional. A escritora Emma Goldman defendeu a decisão da CNT-FAI, alegando que todo o esforço deveria ser reconhecido, já que, se se estabelecesse um regime militar, os anarquistas espanhóis seriam perseguidos e mortos, como ela bem sabia por seu histórico na União Soviética. (RODRIGUES, 2012)

Caballero ordenou, antes do início da luta pela capital, a criação do Exército Popular, composto por todas as milícias de esquerda, contrariando a vontade dos anarquistas e trotskistas. O militar republicano a qual o comando do exército popular foi atribuído sentiu-se desgostoso com o que tinha em mãos: uma força heterogênea, indisciplinada, mal equipada e muitas vezes sem qualquer tipo de treinamento. A militarização foi se tornando mais comum no exército popular na medida em que a União Soviética foi se tornando decisiva. (PRESTON, 2006)

A Batalha de Madri começou no ar, com a vitória parcial dos rebeldes, devido, principalmente, à superioridade tecnológica dos aviões cedidos pela Alemanha e Itália, que além de derrubarem boa parte da aviação republicana, bombardearam as

zonas comerciais e residenciais, não poupando as vidas do povo indefeso que circulava pelas ruas em busca de refúgios ou que estava nas filas para comprar comida.

Cenas de terror ocorreram em Madri sobretudo durante os bombardeios noturnos. As bombas semeavam a morte sem fazer distinções de idade, sexo, classe social ou ideologia política, em tragédias que, infelizmente, seriam somente um aperitivo do que estava por vir na Europa com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. (BUADES, 2013, p.89)

Tal situação desvantajosa só foi revertida com a chegada dos aviões soviéticos, que retirou do ar boa parte das aeronaves rebeldes, levando nas ruas os gritos “*Vivan los rusos*”

No dia 20 de novembro, José Antonio Primo de Rivera, o fundador da Falange Espanhola, foi fuzilado em uma prisão de Alicante, enquanto que, simultaneamente, o líder anarquista Buenaventura Durruti foi assassinado enquanto lutava no front de Madri.

Emma Goldman escreveu um artigo denominado “Durruti está morto, contudo vivo”, emocionando até mesmo aqueles que eram contrários ao extremismo deste líder, trazendo junto algumas das palavras encorajadoras dele, em seu tempo de convívio com ela.

Não, Durruti não está morto. O fogo de seu espírito ardente acende em todos que o amaram e conheceram, e nunca poderá ser extinto. As massas já ergueram alto a tocha que caiu das mãos de Durruti. Eles a estão carregando ante si na estrada que Durruti mostrou por muitos anos, a estrada que leva ao ápice do ideal de Durruti. Esse ideal era o anarquismo — a grande paixão da vida dele. Ele o serviu completamente e se manteve leal a ele até seu último suspiro. (GOLDMAN, 2006, p.6)

Tal artigo serviu para unificar as forças republicanas como nunca antes, houve um cortejo que durou horas com milhares de camaradas que andavam com o punho fechado erguido ao ar, em homenagem ao líder que impulsionou a luta contra o fascismo antes e depois de sua morte.

Após quase um mês de intensos combates na capital Madri, Franco ordenou que os ataques cessassem e que os rebeldes se reagrupassem para recuperar forças e avaliar outras estratégias, como a de cercar a cidade. Contudo, mesmo após um mês de tentativas, certas rotas de entrada à cidade ainda estavam sob controle da resistência veemente dos republicanos. Obrigando Franco a desistir logo no início de 1937 de Madri, resolvendo tomar as pequenas cidades do entorno. Como foi o caso de Málaga, que tendo sido cercada de todos os lados, não deixou outra opção às tropas vermelhas, senão evacuar, dando assim o exemplo às famílias não

combatentes, que compuseram o cenário dantesco de uma estrada com mais de três mil corpos estendidos sobre um rio de sangue. (Preston, 2006)

Mussolini, O *Duce*, responsabilizou-se pela vitória, e orgulhoso, exclamava o quão incapaz Franco era de obter vitórias sozinho, sendo esta, provavelmente, a causa da carnificina acontecida em seguida, quando esta mesma cidade foi invadida por tropas terrestres da Falange Espanhola, que executaram sumariamente mais de quatro mil pessoas, em sua maioria civis.

A vitória na costa malaguenha injetou ânimo às tropas nacionalistas que empreenderam uma nova ofensiva em Madri, com mais de um mês de confrontos diretos, e cerca de dezesseis mil baixas para ambos os lados, mas ainda assim, mantendo o controle da capital nas mãos dos republicanos, que contaram com a ajuda das recém chegadas brigadas mistas e novas brigadas internacionais.

Duas semanas depois, os nacionais tentaram capturar Alcalá de Henares, outra via de acesso à capital, utilizando-se da tática proposta pelos combatentes italianos, que consistia em um ataque relâmpago, popularizado pelos alemães na Segunda Guerra Mundial como *Blitzkrieg*, no entanto no caso italiano não obteve sucesso graças aos vários dias de chuva, frio e neve que deixaram os blindados atolados na zona rural antes de chegar ao front. (PRESTON, 2006)

A próxima manobra rebelde foram os bombardeiros coordenados pela *Luftwaffe*¹⁸, nas cidades de Durango e Guernica, matando indiscriminadamente as pessoas, em sua grande maioria civis, que buscavam abrigo. Além do bombardeio, haviam os caças metralhando e a chuva de bombas incendiárias que mantiveram Guernica queimando por vinte e quatro horas, de forma que não restasse praticamente nada em pé na cidade basca quando a ação nazista estava acabada. Segundo Buades (2013), Franco tentou se esquivar da indignação da opinião pública que o declarava um criminoso de guerra, com a declaração de que os próprios bascos teriam incendiado a cidade.

A imagem de Hitler, que já não era das melhores, foi apresentada perante a opinião pública mundial como a de um monstro cruel que não hesitava em lançar um ataque infernal contra a indefesa população civil. O governo republicano também utilizou o bombardeio de Guernica com fins propagandísticos. O ataque impune praticado por aeronaves do Terceiro Reich sobre o povo espanhol era a prova mais contundente da farsa da não intervenção. Mediante métodos bárbaros, os fascistas haviam finalmente arrancado a máscara de “salvadores da civilização ocidental”. Tinha chegado,

¹⁸ Força aérea da Alemanha nazista.

de uma vez por todas, a hora de as potências ocidentais armarem o Exército Popular republicano para frear a ameaça da hidra nazifascista. (BUADES, 2013, p.106)

Para Preston (2006), o bombardeio de Guernica foi apenas para influenciar através do terror as lideranças bascas a se afastarem da coordenação soviética que se instalaria no País Basco em seguida. No entanto, Buades (2013), discorda, considerando que os bascos eram, apesar de seu alinhamento com a República Espanhola durante o desenrolar dos eventos, fiéis apenas aos próprios interesses.

A próxima etapa do conflito se deu no norte da Espanha, contudo, se tratavam de ataques dispersos e sem muita probabilidade de vitória, que podem ter acontecido por conta dos desentendimentos locais. Mas poucos dias depois houve a tomada de Bilbao para o lado nacionalista. Bilbao era uma das regiões mais industrialmente rica que Franco pôs as mãos antes do fim da guerra, além do fato da rendição basca ter deixado para trás material bélico abundante que foi utilizado pelos nacionalistas nas próximas batalhas. (PRESTON, 2006)

O rancor contra os bascos levou o Generalíssimo a redigir decretos contra as províncias de Biscaia e Guipúzcoa, as quais considerava traidoras, proibindo a autonomia política e revogando o autogoverno praticado desde a Segunda República.

Foi abolido inclusive o regime de “concerto econômico”, um privilégio que as províncias bascas tinham desde a Idade Média, mediante o qual as *diputaciones provinciales* (corporações públicas que administram as províncias) arrecadavam todos os impostos, e não a Fazenda. Uma parte (o *cupó*) dos tributos era paga a Madri, como compensação, previamente negociada, pelos serviços oferecidos pelo governo central. Nem mesmo Felipe V, o rei centralizador por excelência, ousara mexer no “concerto” dos bascos, mas Franco sim ... (BUADES, 2013, p.107)

A 17 de maio de 1937 Juan Negrín assume o cargo de governador geral, deixando de lado o apoio que Largo Caballero, por vezes, dava aos libertários, sendo um braço do próprio Stalin na península. Todas as operações passaram a precisar de uma aprovação ou até mesmo eram coordenadas pelo Kremlin. Algumas destas foram de total fracasso, como a conquista de Brunete e Belchite, que impediriam novos ataques de grande escala em Madri.

O apoio a Stalin e o isolamento geográfico de várias regiões, promovido pelo cerco dos franquistas, levaram muitas regiões a mudar de lado pacificamente, através de tratados ou de declarações de independência, como foi o caso de Asturias e Leão.

No fim do ano Franco tinha posse de todo o norte com a tomada das províncias bascas, cântabras e asturianas, contando com o que elas ofereciam, ou seja, indústrias sidemetálicas e armamentistas, possibilitando a fabricação de recursos para equipar seus 600 mil homens, contra os menos de 500 mil do lado republicano e este apresentava uma cisão fatal entre a esquerda autoritária e a esquerda libertária, composta pelos anarquistas e trotskistas, que não aceitavam a intervenção de Stalin na Espanha.

O proletariado dividiu-se em partidos, os militantes anarquistas e o POUM (um pequeno partido recém-saído do trotskismo) eram os únicos a apoiar a revolução. O proletariado revolucionário estava em maioria, mas, infelizmente, eles não conseguiram tirar vantagem de sua posição. A ingênua e mal empregada confiança nos líderes da CNT-FAI levou a uma situação onde as massas anarquistas aceitaram o gradual esvaziamento de seu poder. Repetindo os lemas stalinistas de “unidade” e “disciplina”, a CNT-FAI persuadiu o proletariado de que a eliminação dos conselhos e das milícias era uma necessidade imposta pelas exigências da guerra civil. (CEL, s.d, p.7)

Nesta guerra civil dentro da guerra civil aconteceram até mesmo trocas de tiros entre os lados opostos, principalmente em Barcelona, durante a ocupação dos anarquistas ao prédio da telefônica que havia sido coletivizado legalmente. A partir de então, os comunistas pediram o afastamento dos anarquistas dos cargos ocupados e acusariam os trotskistas do POUM de serem espões de Franco.

Em resposta a essa ação, a classe operária da cidade levantou-se espontaneamente para defender sua revolução: barricadas foram erguidas, a polícia desarmada e os trabalhadores em armas tinham o controle da cidade. Nesse momento, a contra-revolução poderia ter sido derrotada, pelo menos na Catalunha. As milícias anarquistas no front de Aragão estavam preparadas para marchar sobre Barcelona; a vitória nem de longe estava assegurada para o governo e os stalinistas. Os trabalhadores de Barcelona, entretanto, permaneceram em posições puramente defensivas e hesitaram em se moverem além de seus distritos. O impasse foi capitalizado por aqueles que, como sempre, se ofereceram para pacificar a situação e, mais uma vez, os dirigentes da CNT-FAI ofereciam seus serviços. Desde o início da insurreição proletária, esses conciliadores pediram aos trabalhadores que desmantelassem suas barricadas e voltassem ao trabalho. A CNT foi repudiada, com seus apelos à pacificação, pelos Amigos de Durruti e outros, que clamavam pela defesa dos conselhos operários e por uma conclusão vitoriosa da luta. (CEL, s.d, p.9)

Os comunistas ordenaram que os anarquistas e trotskistas que se opusessem ao governo pró-Stalin entregassem as armas ou seriam presos ou sumariamente executados. Os anarquistas passaram a ser vigiados, tratados como bucha de canhão e por isso, uma grande parte se afastou dos fronts.

A revolução foi derrotada, muito antes da vitória dos fascistas, por uma força combinada de stalinistas, liberais e burocratas 'libertários' do mesmo movimento anarquista em cujo nome os militantes proletários mais radicais haviam atuado. A 'Guerra Civil' espanhola somente começou depois da derrota da revolução. (CEL, s.d. p.2)

Segundo a Célula de Entretenimento Libertário (s.d), os acontecimentos presenciados na Espanha mais ao fim da Guerra Civil repetiam os já vistos na Rússia, onde o Bolchevismo perseguiu duramente os anarquistas que lhe possibilitaram a obtenção da posição de poder, contudo, de forma mais profunda e deixando os proletários em uma situação ainda pior, uma vez que, Lênin traiu os anarquistas após o fim da revolução soviética, enquanto que, os socialistas espanhóis, a mando de Stalin, o fizeram durante o processo revolucionário, perdendo assim o apoio destes aliados, provocando assim a derrota da causa republicana e entregando os proletários a um regime predatório.

As coletivizações foram desfeitas, as mulheres foram proibidas de pegar em armas, delegadas apenas às funções de enfermeiras, cozinheiras e faxineiras, próprias da sociedade conservadora enfrentada até então. No entanto, de acordo com Rodrigues (2012), os territórios controlados pela CNT-FAI, sobretudo Barcelona, ainda se mantiveram (pelo menos até o fim do conflito) modelos de autogestão, com as consultas de comitês decisórios divididos por bairros, além dos armazéns coletivos onde todos poderiam pegar o que estivessem precisando e dos refeitórios onde sempre havia comida fresca sendo servida mesmo em meio ao caos das batalhas. As organizações autônomas da CNT-FAI disponibilizaram os serviços de saúde, educação e segurança, com milícias dedicadas a garantir a integridade física dos não-combatentes localizados nos bairros e os dividiram em tarefas como limpeza de ruas, obras e outras atividades específicas.

Em 26 de julho se criou o Comitê Central de Abastecimentos – havia em Barcelona, 13 armazéns de abastecimento de bairro -. Cujas funções eram alimentar as famílias de milicianos, que ficavam sem seus salários e não recebiam soldo até setembro, além dos desempregados. [...] o Comitê Central de Abastecimento era um órgão revolucionário e complementar às milícias, motivo pelo qual não podia ser suprimido de forma imediata. As famílias dos milicianos e dos mais pobres eram totalmente dependentes de tais comedores, pois eles eram inicialmente grátis para milicianos, familiares de milicianos e desempregados, mas mais tarde se sentiram obrigados a introduzir o racionamento através da criação de bônus. (PASQUINI, 2012, p.59)

Entretanto, segundo a CEL (s.d), estas características eram intrínsecas ao próprio povo autônomo, envolto do espírito revolucionário, e não da CNT-FAI, que visava liderar o levante e organizar, verticalmente a organização social, vendo na aliança dos dois grupos sindicalistas, apenas uma forma de engrossar fileiras, “Unir para comandar”, porém, o comando se aproximava demais da democracia socialista quase leninista, hierárquico e impositivo, contudo, isso só se tornou evidente em 1936, quando já era tarde para que o povo se organizasse de outra forma.

A guerra civil do ano de 1938 tomou as características da Primeira Guerra Mundial, a guerra de trincheira, com provocações (e por vezes, confraternizações) entre os soldados de ambos os lados e principalmente o desgaste, que causou muitas deserções. Os momentos em que o tédio do carteadado e das conversas eram interrompidos pelo estampido de um morteiro ou de um avião passando a metralhar eram rápidos e só causavam a correria por abrigo. Fora dos fronts, a vida parecia ter continuado normalmente, com exceção da pobreza e da fome na maior parte dos casos. (BUADES, 2013)

Os aliados internacionais de Franco perderam a paciência e o interesse, não acreditavam na capacidade do Generalíssimo em lutar uma guerra moderna. Como compara Buades (2013), Mussolini e Hitler viam a guerra como uma partida de xadrez, em que quando o rei caísse, o jogo estaria vencido. Já Franco a via como uma partida de damas, na qual todas as peças inimigas devessem ser aniquiladas.

Enquanto imperava a falsa calma nas ruas havia a prática dos “passeios”, que eram operações clandestinas para a eliminação de peças chave das lideranças republicanas, que por vezes eram executadas em ermos após terem cavado a própria cova, e por vezes, fuziladas frente a uma plateia extensa mediante a venda de bebidas e churros e o rufar de palmas e gritos.

A selvageria era evidente também no tratamento da Falange contra as milicianas, que na maioria das vezes em que eram capturadas, voltavam após terem sido estupradas, geralmente por grupos, além da tortura física e psicológica praticada para reduzir estas mulheres, que deixavam de aceitar um papel subalterno na sociedade machista, a um mero objeto de satisfação sexual.

(...) a violação era utilizada para aumentar a dor das famílias dos vencidos e para espalhar uma mácula de “desonra” sobre elas. Houve inclusive situações em que o estupro fez parte de um lento processo de destruição física: violações múltiplas eram acompanhadas de golpes e coices e acabavam provocando a morte das torturadas. Ativistas políticas e sindicais,

professoras de ideias progressistas e, especialmente, milicianas que empunhavam armas no *front* foram os alvos preferenciais da violência sexual. As tropas mouras e os legionários eram especialmente temidos pela sua libido descontrolada. Na retaguarda, por sua vez, eram sobretudo os falangistas aqueles que abusavam com maior frequência das detentas, tanto para que confessassem segredos, quanto para castigá-las pela sua orientação política. Nos muros de muitas vilas surgiram pichações com a ameaça: “Vossas mulheres parirão fascistas.” (BUADES, 2013, p.156)

O regime franquista também não mostrou piedade com os familiares dos mortos, uma vez que, eram retirados deles todos os pertences e proibida a condição de luto, expondo-os a uma situação de miséria que não deixava outra opção além da emigração ou o suicídio. Proibiu-se também, de acordo com este retorno à inquisição espanhola, o uso dos idiomas galego, basco e catalão.

A censura artística foi implacável, suprimindo toda e qualquer opinião meramente contrária ao regime ou à ordem vigente. Proibiu-se ainda o culto a qualquer religião que não a católica, subvertendo por total os feitos da Segunda República. (GRAHAM, 2013)

Através do *Fuero del Trabajo* (inspirado na *Carta del Lavoro* de Mussolini), Franco proibiu a concepção horizontal dos sindicatos, tornando-os meramente simbólicos, uma vez que os patrões e até o Estado tinham o poder de decisão nas demandas dos sindicalizados, além disso, impôs as *ordenanzas del Trabajo*, diminuindo ainda mais os direitos trabalhistas que os operários tinham antes da Guerra Civil, como forma de agradecimento aos empresários que apoiaram a sublevação. (PRESTON, 2006)

Após ter controle sobre as indústrias armamentistas ao norte e ter equipamento e munição abundante para a falange, não somente proveniente desta fonte, como também dos seus aliados internacionais, Franco notou que os republicanos possuíam apenas uma fonte de material bélico, a da Catalunha, mais especificamente, no front de Aragão, e com isso transformou esta localidade na prioridade de suas operações. Nos próximos dias houve um ataque coordenado com mais de cem mil soldados e, cidade a cidade, os arredores da região foram sucumbindo aos ataques de *guerra cèlere* à italiana, com o uso de blindados e bombardeios para abrir caminho para a infantaria. Contudo, quando chegou perto do objetivo, reassumiu a retranca e, contrariando seus aliados e sua equipe de estratégias, Franco resolveu voltar-se a Barcelona, a qual finalmente conseguiu tomar, mesmo que com grandiosas baixas.

Tornando a lutar no front de Aragão, pela região da Catalunha apenas na primavera de 1938. O governador geral, Juan Negrín pedira apoio à França

novamente, e esta, que até então assistia passivamente a anexação da Áustria ao Terceiro Reich. Negrín perdia ainda mais o escasso apoio popular por, em virtude dos cortes de gastos, restringir as liberdades populares, fazendo o seu governo assemelhar-se ao de Stalin.

Em seguida Hitler ocupou a região dos Sudetos, na Tchecoslovaquia, dando esperanças a Negrín que desta forma a França e a Inglaterra fossem intervir. O governante chegou a visitar a Liga das Nações, clamando por apoio, e o que conseguiu foi o oposto do esperado. Decidiu-se que, para “desinternacionalizar” o conflito, deveriam retirar as brigadas internacionais.

Apenas no fim de agosto, com um exército republicano exaurido e focado unicamente na defesa dos poucos territórios que tinham, aconteceu a Batalha do Ebro, na qual Franco tentava novamente conquistar a Catalunha, considerando que este seria o tiro de misericórdia no exército republicano, uma vez que, sem brigadistas e sem nenhuma fonte de material bélico, a rendição viria sem demora. No entanto, mais uma vez, lutou-se uma guerra de desgaste, na qual, durante os quatro meses de combates, mais de 85 mil combatentes perderam suas vidas. (BUADES, 2013)

Graças à escassez de equipamentos e suprimentos, os camponeses sindicalizados de Borges Blanques e Artesa cederam suas cidades, deixando livre o caminho para Barcelona. Lá os rebeldes só encontraram como resistência os gritos que lhes acusavam de “fascistas”. O povo estava exausto e não tinha mais forças para se posicionar, quanto mais para lutar e conter o avanço das tropas que simplesmente entraram na cidade como em uma parada.

Portanto, o índice de vitórias em combate só aumentou a partir desta etapa, e com ele, a adoração à figura de Franco, que quase se assemelhava ao tratamento das populações italiana e alemã aos seus líderes.

No início de fevereiro Franco já tinha toda a Catalunha, o último reduto dos “vermelhos”. Negrín, em uma rendição que chamava de negociação, fez três demandas aos rebeldes: em primeiro lugar queria que a Espanha fosse declarada independente; queria também que o povo escolhesse sua forma de governo através de um plebiscito. E por último, pedia garantias de que os espanhóis não seriam vítimas de perseguição política. Em suma, queria que Franco desse sua palavra de que não seria um ditador, o que era uma ironia, já que todos os deputados acusavam o primeiro-ministro de ser tão centralizador quanto o próprio Franco. (BUADES, 2013)

Juan Negrín demitiu-se do cargo no fim de fevereiro e nos primeiros dias de março Franco já era considerado pelas principais potências europeias como o governante legítimo da Espanha, contudo, a Guerra Civil Espanhola só teve seu fim derradeiro quando, em 27 de março, os rebeldes executaram a última ofensiva contra os republicanos que queriam levar a guerra até o último suspiro de Madri. No entanto, quando os falangistas chegaram, encontraram a cidade evacuada, os republicanos haviam fugido para as montanhas ou para os portos, aonde emigravam junto a civis desalojados. A partir do dia oficial da vitória Franquista, 1º de abril de 1939, começou o acerto de contas que durou trinta e seis anos, com execuções e deportações. A perseguição dos republicanos derrotados continuou muitas vezes nos países escolhidos como exílio, como foi o caso dos ex-presidentes Lluís Companys e Largo Caballero, capturados, torturados e mortos pelos nazistas.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, consideramos que a Guerra Civil Espanhola é um momento histórico com uma vasta diversidade de interpretações dos fatos. A exemplo da historiografia franquista, que nega categoricamente que tenha havido uma revolução dentro da Guerra Civil, apelidando-a de “Cruzada Espanhola” e mostrando o lado nacionalista como um salvador da Espanha atrasada e propícia a uma revolução comunista. Por outro lado, há as linhas comunistas que não reconhecem o momento estudado como luta de classes e dão tamanha repercussão à intervenção soviética sob o viés stalinista e aos partidos comunistas da Espanha, que o que sobra aos anarquistas é, ou o esquecimento ou a posição de bode expiatório. De fato, a historiografia anarquista peca acerca do tema Guerra Civil Espanhola, o qual tende a nomear apenas como “Revolução Espanhola”, acarretando muitas vezes em confusões com a revolução de 1868, esta sim, rompendo com a linha histórica e causando uma ruptura com um regime¹⁹, portanto, revolucionária por conceito, e anarquista, por não ter se aliado ao socialismo para cumprir suas metas.

Esta infame aliança já rendeu aos anarquistas e sindicalistas muitas decepções e perseguições antes e depois da “Revolução Espanhola” de 1936, que teve seu fim muito antes do fim da Guerra Civil. E o motivo, entre outros, é terem cometido erros como o de não terem se organizado enquanto classe operária horizontalmente sindicalizada, dando à CNT-FAI o poder decisório de, por exemplo, subordiná-los a uma ordem absolutista externa. O fato de, em julho de 1936, a CNT ter se tornado uma instituição conselheira, se deve aos cinquenta anos de prática revolucionária e de teoria anarquista sendo repassada, e não à instituição em si. Cabendo à FAI, a empreita de subverter o movimento sindical aos pilares do anarquismo. Entretanto, aliando-se a CNT, e tornando-se a CNT-FAI, um órgão nem tão pelego, nem tão anarquista.

A historiografia anarquista da Guerra Civil Espanhola divide-se em dois subgrupos: os fatalistas, que não veem outro desfecho possível para o conflito, dado o conchavo nazifascista e a fragmentação das esquerdas. Em contrapartida, há os

¹⁹ A Revolução de 1868, chamada de “La Gloriosa”, aconteceu graças à crise econômica que já durava quase uma década e que fora agravada pela Guerra Hispano-Sul-americana, neste contexto, intelectuais de extrema esquerda incitaram a população convencendo a todos que o problema do país era, não Isabel II, mas o sistema monárquico. Ainda que, depois de deposta a rainha, uma ala foi favorável a buscar um outro monarca para ocupar seu lugar, ao invés de instaurar um novo sistema, como aconteceu pelos seis próximos anos, no período chamado de “Sexênio Democrático”.

críticos, que consideram a direção dos grupos anarcossindicalistas, culpada pela derrota, não da Guerra Civil, mas da Revolução. Sendo que, os anarquistas sempre preferiram a derrota na guerra civil que desperdiçar a chance de fazer revolução. Outro erro comum na historiografia anarquista da Guerra Civil Espanhola é o de minimizar ou esconder os feitos dos anarquistas que acabaram por acelerar o avanço do nazifascismo, que se tornou relevante na Espanha antes mesmo que na Itália ou Alemanha, ainda que nestes países ele não tenha sido combatido com tamanha veemência como no caso da Espanha.

Outro ponto notável é a aliança internacional pelo extermínio de qualquer tentativa de implementar uma revolução anarquista, uma vez que, a Liga das Nações, quando propôs o tratado de não intervenção, tinha plena ciência de que não teria condições operacionais de fiscalizar se os Estados estariam cumprindo o acordado. Tampouco teria como punir os que não estivessem, principalmente em um contexto como o Entre-Guerras, no qual, potências representadas por líderes instáveis com aspirações imperialistas eram temidas por aquelas que recém estavam em processo de reconstrução. Portanto, o Tratado de Não Intervenção pode ser considerado uma manobra para impedir o alastramento de uma ideologia anticapitalista.

Somando-se a este ponto, a repercussão internacional gerada pela comoção da opinião pública resultante da atuação de intelectuais de renome (seja lutando nas Brigadas Internacionais ou trabalhando como correspondentes do conflito), poderia criar uma romantização e despertar o interesse de novos adeptos. Desta forma, o meio como as coisas aconteceram, pode ser apontado como a causa do esquecimento do anarquismo por muitas décadas, não só na Espanha como no restante do mundo. Voltando à voga apenas nos anos 1980, com o advento do movimento punk e o combate ao crescente neoliberalismo.

Reconhecemos ainda, a necessidade de um método histórico que reconheça a importância do anarquismo nos fatos históricos. Para isso seria preciso entender qual era a relação dos teóricos do anarquismo com os movimentos populares de suas épocas e quais os efeitos de suas teorias nas lutas travadas e nos indivíduos. Contudo, não se limitando unicamente a um estudo clássico da história, ou seja, não se baseando apenas nas obras anarquistas ou comunistas, pois isto pode proporcionar uma visão muito estreita e conveniente dos acontecimentos. Pode haver descomplexificação na interpretação de um estudo acerca de um determinado momento histórico quando a leitura envolve a teoria que o pesquisador coaduna. Há

a dificuldade de compreender as múltiplas ideologias e teorias compondo a mesma história. Sendo assim, o estudo se tornaria acrítico. Esta pesquisa é um exemplo disso, pois lemos diversos autores que, por um motivo ou por outro, ignoravam os erros dos militantes praticantes de sua orientação ideológica. Assim como enalteciam suas façanhas e, desta forma, acabam por restringir o trabalho a um determinado nicho intelectual. O que é um problema gravíssimo, uma vez que, o anarquismo já tem a tendência de criar subgêneros e divisões que, embora devessem abarcar uma maior quantidade de indivíduos, acaba é cindindo um movimento que já suporta as desvantagens e as adversidades de não conseguir se tornar um movimento de massas.

Uma vez que, por dificuldades de organização, e até mesmo por não concordar com a institucionalização do anarquismo, o movimento tende a cindir-se por dentro e a aliar-se com socialistas pelo único motivo de sempre terem os mesmos inimigos imediatos. Se a história do movimento anarquista for melhor estudada, há a chance de os erros não se repetirem.

Sendo assim, ponderamos que, tanto a Guerra Civil Espanhola, dada a sua importância, tendo em vista o seu resultado, quanto o anarquismo, reconhecendo sua relevância, merecem ser estudados com maior veemência, tanto no campo acadêmico quanto no ensino básico, gerando um maior senso crítico e compreensão da sociedade baseada em classes, tendo ciência do que isso provoca.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERKMAN, Alexander, GOLDMAN, Emma. **Kronstadt**. Piracicaba, Editora: Ateneu Diego Giménez, 2011.
- BAKUNIN, Mikhail. **Textos Anarquistas**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2014.
- _____. **Deus e o Estado**. São Paulo: Editora Hedra, 2011.
- _____. **Revolução e Liberdade**. São Paulo: Editora Hedra, 2010.
- _____. **O Sistema Capitalista**. São Paulo: Editora Faísca, 2007.
- BUADES, Josep M. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- CEL. Célula de Entretenimento Libertário. **Autogestão e Revolução Espanhola**. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/429975/autogestao+e+revolucao+espanhola.rtf> Acessado em 23/05/2018
- CIERVA, Ricardo de la. **Historia de la Guerra Civil Española. Antecedentes Monarquía y República 1898 – 1936**. Barcelona. Editora San Martin. 1969
- CORRÊA, Felipe. **Teoria e História do Anarquismo**. Curitiba. Editora Prismas. 2014
- FERRARIO, Juan Manuel. **As Matanças de Anarquistas na Revolução Russa**. São Paulo. Editora Imprensa Marginal. 2007
- GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado, E outros ensaios**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.
- _____, **Durruti está morto, contudo vivo**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5143> Acessado em 16/02/2018
- GRAHAM, Helen. **Guerra Civil Espanhola**, Porto Alegre: Editora L&PM, 2013.
- MORAES, Camila**. As fotografias raras de Robert Capa na Guerra Civil Espanhola estão em São Paulo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/22/cultura/1469211921_332025.html Acessado em 29/05/2018
- NETTLAU, Max. **História da Anarquia: Das origens ao anarco-comunismo**. São Paulo. Editora Hedra, 2008.
- NERUDA, Pablo. **España en el corazón. Himno a las Glorias del Pueblo em la Guerra**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/142404.pdf>. Acessado em 29/05/2018.
- ORWELL, George. **Lutando na Espanha**. Rio de Janeiro. Editora Globo. 2006.

_____. **Dentro da baleia e outros ensaios**. Porto Alegre. Editora Companhia das Letras. 2005.

PASQUINI, Igor Pomini. **Revolução Espanhola: Uma análise dos processos autogestionários (1936-1939)**. Tese (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia. 2013.

PEIRATS, José. **Los anarquistas en la crisis política española (1962)**, Disponível em:

<http://www.enxarxa.com/biblioteca/PEIRATS%20Los%20anarquistas%20en%20la%20crisis%20politica%20espanola.pdf> acessado em: 10/05/2018

PRESTON, Paul. **La Guerra Civil Española**. Disponível em:

<http://download.fusionsbook.com/lp/freeaccess.php?q=A+Guerra+Civil+de+Espanha+by+Paul+Preston&i=aHR0cDovL2ltYWdlcy5nci1hc3NldHMuY29tL2Jvb2tzLzEzNjI4MzQ0NDhtLzE3NTY2NjU5LmpwZW==> Acessado em 15/05/2018.

PROUDHON, Pierre Joseph. **A Propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas**, São Paulo – SP, Editora L&PM, 1998.

ROCKER, Rudolf. **A Tragédia da Espanha, Notas sobre a Guerra Civil (1936-39)**, São Paulo: Editora L-Dopa, 2010.

_____. **Os soviets traídos pelos bolcheviques**. São Paulo. Editora Hedra. 2007

RODRIGUES, Edgar. **Os motivos que originaram a história da f.a.i.** Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5454/3901> Acessado em 23/05/2018

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Territórios libertários: A experiência anarquista de autogestão na cidade de Barcelona durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. Revista Cidades, Vol.15. Presidente Prudente. Editora Outras Expressões. 2012

SAWICKI, Piotr. **La narrativa española de la Guerra Civil (1936-1975)**

Propaganda, testimonio y memoria creativa. 2010. Disponível em:

<http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/la-narrativa-espanola-de-la-guerra-civil-19361975-propaganda-testimonio-y-memoria-creativa--0/> Acessado em 25/06/2018

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas. Vol.1 A Idéia**. Porto Alegre: Editora L&PM. 2002.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas. Vol.2 O movimento**. Porto Alegre: Editora L&PM. 2014.